



procissam

relação
das
festas
que
a residencia
de
amgolla fez

... e a compensação a elas devidas...

... e a compensação a elas devidas...

B. Fran^{co} de Xavier
Beaumont.

**fundos da
biblioteca
nacional**



À Memória do Meu Muito Bom e Querido Amigo
Professor Dr. Luis de Albuquerque.

PROCISSAM

Relação das festas que a Residencia de amgolla fez na beatificação
do
beato padre francisco de xavier da Companhia de Jesus

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL E DO LIVRO

PROCISSAM

**Relação das festas que a Residencia de angolla fez na beatificação do
beato padre francisco de xauier da Companhia de Jesus**

Biblioteca Nacional, Caixa 29, nº 34

**Transcrição e anotações
Adriano Parreira**

**LISBOA
1994**



R
18270

Ficha Técnica

Capa: Maria João Araújo

Fotocomposição, montagem, impressão e acabamento:

Enclave de Reabilitação Profissional do IBL sob a direcção de Luís Carlos

Tiragem: 1000 exemplares

Depósito Legal nº 79670/94

© Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro

Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação

Procissam : relação das festas que a Residência de amgolla fez na beatificação do beato padre Francisco de Xavier da Companhia de Jesus / transc. e anot. Adriano Parreira. - Lisboa : Inst. da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994. - 93 p. - (Fundos da Biblioteca Nacional)
ISBN 972-565-194-4

I — Parreira, Adriano

CDU 271.5 Xavier, Francisco, Padre
235.5

SUMÁRIO

| | |
|--------------------|----|
| NOTA PRÉVIA | 9 |
| INTRODUÇÃO | 13 |
| REFERÊNCIAS | 23 |
| PROCISSAM | 25 |
| NOTAS | 89 |
| LEGENDAS | 91 |
| BIBLIOGRAFIA | 93 |

NOTA PRÉVIA

O documento agora transcrito pertenceu ao Cartório de Luanda do Colégio da Companhia de Jesus e encontra-se na Divisão de Reservados da Biblioteca Nacional, (Lisboa) caixa 29, nº 34.

Trata-se de um manuscrito de 18 fólios, *in-folio* (314x217 mm) (com tinta ferro-gálica) no recto e no verso, em letra cursiva, com mancha de cerca de 16 centímetros de largura. Ostenta manchas de humidade e alguma corrosão da tinta sobre o papel.

Não podemos afirmar peremptoriamente, que se trata do original ou de uma cópia, porém a letra cursiva do século XVII assegura-nos que se trata de um texto da época, o que é confirmado através da anotação, em letra diferenciada da do texto e escrita com tinta mais pálida, que remete o documento ao Chantre de Évora Manuel Severim de Faria, o que dissipa definitivamente qualquer dúvida em relação à datação do documento, situando-o na primeira metade do século XVII. A numeração dos fólios, de 96 a 114, feita posteriormente e provavelmente com a mesma tinta e pela mão do anotador, leva-nos a admitir que o texto foi integrado, em determinada altura, numa miscelânea.

Ilustre figura de humanista e religioso do século XVII, Manuel Severim de Faria, reuniu uma vastíssima documentação sobre os mais

diversos temas. Amante do Saber, a sua bibliografia, que espera um estudo bem merecido, é tão vasta quanto variados foram os temas que abordou, como por exemplo uma descrição de Lisboa (37) ou os levantamentos de prescrições médicas e de receitas de culinária (38).

Como não poderia deixar de ser, Manuel Severim de Faria obteve parte considerável da informação através dos relatos dos jesuítas, que das suas missões e Colégios lhe enviavam as suas relações, como aconteceu com este texto, que, após ter feito parte do espólio da biblioteca do Conde de Vimieiro, foi depositada na Biblioteca Nacional onde agora se encontra.

Este manuscrito, que agora transcrevemos com a preocupação de mantermos tanto quanto possível, fiéis ao texto, é na verdade uma Relação, ou seja um texto descrito e que, uma vez copiado, era distribuído pelos diversos Colégios da Companhia de Jesus e divulgado entre o público culto em geral.

Tal como acontece com outros documentos dos Cartórios dos Jesuítas, é um texto narrativo, muito pormenorizado, envolvente e figurativo, tão típico dos textos jesuítas de divulgação produzidos entre os últimos decénios do século XVI e a primeira metade do século XVII.

Porém, mais do que o estilo, é o próprio discurso que, quanto a nós, deverá merecer a atenção de todos os que se debruçarem sobre esta transcrição. Profusamente simbólico, só poderá tornar-se inteligível se for estudado num contexto mais lato; o conjunto de documentos, que constitui a vasta bibliografia contemporânea da Companhia de Jesus. Pela sua especificidade temática e densidade narrativa, este texto vem juntar-se à vasta documentação já impressa oriunda dos diversos cartórios dos jesuítas, e contribuir para mais um íntimo conhecimento da Contra-Reforma, mormente a sua matriz ideológica.

A transcrição que fizemos deve ser entendida como um esforço nesse sentido. Infelizmente os nossos limitados conhecimentos sobre esta época não nos autorizam a uma análise aprofundada que nos permita

apreender a sua riqueza simbólica. Limitámo-nos a esboçar algumas anotações que julgamos serem de algum interesse complementar ao nosso manuscrito. Fica porém esta contribuição e a satisfação de termos trazido a público um texto que com certeza irá cativar o interesse dos investigadores e estudiosos da época.

Embora conscientes das limitações da nossa empresa, falta que só a nós nos cabe por inteiro, este trabalho não teria sido possível sem a prestimosa colaboração, incentivo e ensinamentos de alguns colegas.

Os nossos mais sinceros agradecimentos nunca poderão reflectir a atenção sempre pronta e generosa das senhoras funcionárias da Sala de Reservados, nem a atentíssima dedicação e pronta decisão da Presidente do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Prof. Doutora Maria Leonor Machado de Sousa, que desde o início promoveu e acarinhou este projecto com todo o entusiasmo. Se são muitos os amigos e colegas a quem estou mais uma vez reconhecido, só ao autor cabe assumir toda a responsabilidade pelas imprecisões contidas na transcrição e nas anotações. Muito obrigado.

Adriano Parreira
Lisboa, Janeiro de 1994

INTRODUÇÃO

PRIMÓRDIOS DA COMPANHIA DE JESUS EM ANGOLA

I) A carta de D. João III de Portugal ao seu homólogo conguelês Diogo I Nkumbi-a-Mpudi, "Rei muy excellente, Principe, e irnam", datada de 9 de Agosto de 1547, recomendando-lhe quatro jesuítas, é elucidativa da influência e do prestígio que esta Companhia fundada por Inácio de Loyola em 1534 já gozava então na Corte de Portugal. Nessa carta, o monarca Português reitera a sua confiança nos missionários Cristóvão Ribeiro, Jácome Dias e Jorge Vaz e no irmão Diogo do Soveral, "pessoas muy virtuosas, e de tal doutrina, e exemplo"; pedindo ao ntotela ou Rei do Congo, que fizesse o mesmo:

...“vos rogo muito, que sejam de vós recebidos, e tratados com toda a benignidade, e em todas suas cousas tam favorecidos como he rezam; e eu confio delles, e de suas virtudes, que serviram tambem a nosso Senhor, e a vós, nas cousas de seu officio, e bem da christandade, que folgueis vós muito de o fazer assim com elles, e leveis grande gosto, e contentamente.” (1).

A abertura do tráfico transatlântico de escravos aos territórios de Ngola-a-Kilwanji, principal titular do Ndongo, ou Angola, aos comerciantes de São Tomé, no fim do quarto decénio do século XVI, causou um profundo mal estar em Mbanza Congo, capital do Rei do Congo levando Diogo I (1546-1561) a expulsar os jesuítas do Congo em 1547. Um ano mais tarde, o ntotela, protestou contra os poderosos traficantes de São Tomé, e cancelou imediatamente as suas relações com Portugal, justificando a sua atitude classificando de mau o comportamento dos comerciantes europeus, alegando também o seu repúdio pelo crescente envolvimento dos padres no tráfico de escravos.

Numa carta de Francisco de Barros de Paiva, dirigida a D. João III de Portugal, datada de 1549, apercebemo-nos da existência de graves conflitos entre a comunidade portuguesa no Congo e o ntotela, que era acusado de discriminar os comerciantes e eclesiásticos portugueses e, em seu detrimento, privilegiar o elero e os negociantes africanos. Paiva denunciou também a alteração dos valores da vara e do côvado, o que, em sua opinião, era não só fraudulento como implicava grandes perdas no comércio das lãs, das sedas e dos linhos. Ao propôr a expansão do comércio português a outras regiões opostas a Mbanza Congo, como a Anzinana e Xangala, Paiva apontava para a impraticabilidade de Portugal manter Mbanza Congo como o único e exclusivo parceiro comercial na região. Como medida de retaliação que resultou em toque de finados para uma aliança perfeitamente utópica, Diogo I Nkumbi-a-Mpudi ordenou a prisão de alguns portugueses que estavam em Xangala, para onde o ntotela se tinha deslocado em campanha militar.

Os Jesuítas teriam que esperar mais de um decénio para voltarem à região, o que aconteceu em 1560, ano que assinala a viragem da postura política e comercial portuguesa na África Central ocidental, e consequentemente o último ano em que Mbanza Kongo deteve o monopólio, mesmo que precário, de venda de escravos aos europeus.

Decidindo-se por uma política expansionista e intervencionista, a Coroa portuguesa nomeou, em 1559, Paulo Dias de Novais para seu segundo embaixador no Ndongo, iniciando-se oficialmente, no ano seguinte, o tráfico transatlântico de escravos a sul do rio Dande, aonde passaram a ir “os navios dos tratadores a fazer resgate”.

Com Paulo Dias de Novais seguiu a segunda missão da Companhia de Jesus à região, e a primeira ao Ndongo, estado Mbundu ao sul do Kongo sob a égide política da genealogia Ngolo-a-Kilwanji.

Chegados ao Ndongo em 1560, os jesuítas, mentores (ideólogos) da malograda estratégia militar ibérica no Ndongo, intervieram directamente nas guerras de armas na mão. O seu empenhamento na conquista militar do Ndongo foi evidente nas campanhas militares de Paulo Dias de Novais, aparentemente devido à prisão do padre Francisco de Gouveia, que nessa condição teria passado 15 anos na corte do Ngola. Posteriormente, a sua conduta elitista e relativa autonomia financeira e religiosa, tornou-os incómodos para as autoridades de Luanda e para o Vaticano (2).

Os jesuítas emergiram rapidamente como grandes proprietários de casas e de terras, os ricos arimos do Bengo, controlando o comércio transatlântico de escravos. Ilustrativo do mau ambiente que se gerou entre a Companhia de Jesus e as autoridades portuguesas de Luanda, foram os episódios que estão associados a Gaspar Álvares, também conhecido por Gaspar Alavarez ou ainda e muito significativamente por Minino Diabo. É num auto de doação datado de 18 de Julho de 1606, que se oficializou a entrega pelo governador português em Luanda e pela Confraria de São José de uns terrenos aos religiosos carmelitas, que surge pela primeira vez na documentação o nome de Gaspar Álvares (Brásio V, 179), subscritor do dito auto como testemunha e uma das figuras mais curiosas da história dos Jesuítas em Angola, do século XVII. Se neste documento, Gaspar Álvares é designado por “homem nobre do povo” (3), catorze anos

depois, Garcia Mendes Castelo Branco, num vasto relatório sobre Angola, apela “aos moradores poderosos... Gaspar Alvarez e outros” para “ajudarem” na construção urbanística de Luanda (4). Na verdade G. Álvares era um homem rico, aparentemente generoso, que contribuiu, ainda em 1620, para as despesas do Colégio da Companhia de Jesus em Luanda. O Reitor escrevia o seguinte em carta datada de 4 de Setembro (5):

“Para a armaçam da Igreja deu Gaspar Alvarez doze panos de veludo; e elle vai mandando o mais dinheiro que pode” (6).

1620 foi um ano em muitos aspectos singular no contexto político e económico do antigo Ndongo, ou “reino de Angola”; os soberanos Kasanji tornavam-se no factor determinante no sucesso das alianças militares e comerciais, fazendo muitas vezes pender para o lado dos seus compromissos de circunstância o êxito das guerras (7). Também por essa altura, a rainha Jinga abandonava as esperanças de recuperar o seu estado, o Ndongo, por via pacífica e negociada com as autoridades portuguesas de Luanda e seus aliados africanos, entre os quais Kasanji, adoptando então a ideologia militarista do Kilombo (8) para fazer face a uma guerra que se adivinhava violenta e longa .

Foi, também em 1620, que Manuel Cerveira Pereira constatou a impossibilidade da conquista de Benguela, empreendimento que apesar de demoradamente planeado e que contava com enormes investimentos, constituiu num fracasso total. Foi aliás para Benguela que seguiu um jesuíta, segundo carta de Jerónimo Vogado S. J., datada de 4 de Setembro de 1620, dirigida ao Geral da Companhia. Nessa carta, o autor faz, curiosamente, uma alusão à devoção a Francisco Xavier e às festas da Procição, ao mesmo tempo que não só confirma um importantíssimo donativo de Gaspar Álvares ao Colégio como testemunha as relações tensas entre os seguidores de Inácio de Loyola e o governador Luis Mendes de Vasconcelos:

“O Governador deste Reino Luis Mendes de Vasconellos nam corria muito bẽ com nosco como tenho auisado a V. P. Agora com a noua da Beatificaçam de N.B. [emaventurado] P[adr]e e Francisco Xauier, pedio perdã e se mostra muito amigo, e tẽ tomado á sua conta a festa do Santo para o scu dia, para o qual vai preparando varias festas.

(...) Gaspar Alvarez (...) vai mandando o mais dinheiro que pode para satisfazer os 12.000 [cruzados],” (9)

Nesse ano foi elaborado o primeiro projecto de tributação dos sobas à Coroa Portuguesa, cerca de 200, (10) enquanto o Papa Paulo V anunciava, em Breve de 31 de Agosto, a ida de missionários Capuchinhos, de certo modo rivais dos jesuítas, (11) apesar da proibição do rei Filipe de irem estrangeiros para as “conquistas” (12), medida a que possivelmente os jesuítas não foram totalmente estranhos.

A relação entre Gaspar Álvares e os Jesuítas esteve na base de um dos mais violentos conflitos entre o governo português e a Companhia de Jesus, que António Diniz inequivocamente denunciou em 1622:

“A des padres da Companhia que no Colégio de São Paulo de Loanda estaõ, manda Sua Magestade dar oitenta mil reis [a] cada hũ, pagos nos direitos do Brazil que lhe importaõ muito, por serem em direitos, avendo de ser no dinheiro da terra. Ora para isto ser tem elles prouizaõ para se lhe[s] pagarem em direitos, mas a tençaõ de Sua Magestade foi que os que auiaõ de uenser aquelle selario fosem pregadores letrados, Padres de missa que pudessem administrar sacramentos e pregar e cataquizar aos gentios, o que elles fazem muito pello contrario, por que os que são Religiosos se não seruẽ de mais que de plantar arvores, e fazendo ortas e casas, que só de alug[u]eres tem cinco ou seis mil cruzados, e serẽ mercadores, como os christaõs novos” (13).

Foram gravíssimas as acusações que António Diniz faz aos jesuítas, que os comparou aos judeus, acusando-os de utilizarem métodos semelhantes aos dos “israelitas” na obtenção de lucros rápidos por meios nem sempre os mais honestos. Diz ainda o documento que existiam ricos moradores em Angola, “que só de renda de alug[u]eres de casas e almazens tem a tres e a quatro ou sinco, seis mil cruzados cada ano, como são os Padres da Companhia, Gaspar Alu[a]res o menino diabo dalcunha, Izabel de Fontes, Manoel Delcaõ, André Camelo, Manoel da Costa, Luis Gonçalues Brauo, o Procurador dos Padres da Companhia, Cosmo Fernandez, e outros mujtos” (14). É evidente que a alcunha de “menino diabo” é em si mesma reveladora da antipatia que o inquiridor nutria por Gaspar Álvares, que continuava a manter as melhores relações com os jesuítas.

Segundo um documento de 1622, ou de princípios de 1623, Gaspar Álvares seria então, não só um homem rico como um benemérito invulgar:

“Chegaraõ este ano os Mestres pera darem Cadeiras de Latim, Casos de Consciencia, e outras boas artes aos naturaes da terra, pera os quaes applicou bastantes rendas Gaspar Aluares, antigo cidadão de Loanda, e com o mesmo zello da honra de Deos, e do bem das almas daquella dezemparrada christandade de Congo e Angola, quer instituir huma Rezidencia da Companhia em Congo, e hũ Seminario em Loanda, pera nelle se criarem os filhos dos Sovaes e de outros Ethioopes nobres nos costumes da Igreja, e Letras Sagradas, per o grande effeito que estes taes faraõ na conuersaõ de seus naturaes” (15).

Pouco tempo depois, Gaspar Álvares, que entrou na Companhia de Jesus a 13 de Fevereiro de 1623, foi perseguido por João Correia de Sousa, que o queria enforcar, chegando a pô-lo a ferros em Luanda (16).

É uma carta do notetela Pedro II Afonso Nkanga-a-Mbiki, que nos informa do conflito aberto entre a administração portuguesa de Luanda e os jesuítas. Diz que em Julho de 1623 teriam chegado a Mbanza Kongo dois padres da Companhia de Jesus, Duarte Vaz e o irmão Gaspar Álvares, perseguidos pelo governador João Correia de Sousa, que na altura teria prendido o Reitor do Colégio de Luanda e um outro padre, que foram posteriormente embarcados, provavelmente para Lisboa ou para o Brasil (17). Porém, a verdade é que Alvares e o seu companheiro dirigiram-se primeiro para Mpinda, antes de Abril de 1623, com a intenção de embarcarem depois para Portugal, o que não foi possível (18).

Foi na sua qualidade de noviço que Gaspar Álvares, apesar de não ter herdeiros naturais (19), elaborou um longo e pormenorizado testamento datado de 23 de Fevereiro de 1623, ou seja dez dias depois de ter entrado para a Companhia de Jesus. O número dos contemplados e as quantidades implicadas, corroboram a ideia de um homem possuidor de uma fortuna extraordinária, na sua maior parte legada aos jesuítas, nomeadamente aos do Colégio de Luanda, mas também aos do Kongo (20):

... “aos Reverendos Padres pertence o enterrarem meu corpo e emcomendarme minha alma, como estão obrigados por eu ser tres vezes fundador; a primeira dos estudos desta cidade de Loanda, para a qual fundação lhes tenho mandado dar em Portugal des mil cruzados, e aqui lhes dey dous corraez, hum de ovelhas, outro de vacas, e para fundação de hum Collegio do Congo lhes tenho prometido vinte mil cruzados de pessos de Indias, e assim mais outra fundasaõ que se há de fazer nesta Loanda de hum Seminario, que se fará defronte da Misericordia, na cerca dos Padres, onde teraaõ por obrigação sempre de doze mossos para sima, e os ditos Padres seraõ obrigados a lhes fazer o Seminario de pedra e cal, e os teraaõ á sua conta dando lhes o necessario para vestir, e comer, e todo mais sustento, e ensino” (21).

Curiosamente, acrescenta que deixava o valor de mil cruzados para pagar aos jesuítas o que lhes devia! (22) Deixou ainda quantias avultadas a indivíduos, instituições religiosas, e aos pobres, responsabilizando sempre os jesuítas pelo cumprimento e gestão da sua herança (23). Gaspar Álvares viria a falecer em Luanda, no Colégio da Companhia de Jesus, a 24 de Outubro de 1623 (24), às 14 horas, sendo sepultado nesse mesma noite (25).

A polémica acerca do testamento do Gaspar Álvares continuou muito para além da sua morte. Uma provisão do governador de Angola, de 16 de Outubro de 1624, afirmava que os jesuítas a nada tinham direito pois que Álvares morrera “abintestado” e por isso não era válido o seu testamento (26), o que foi veementemente refutado pelos seguidores de Inácio Loyola (27). Apesar da polémica acerca da herança de Gaspar Álvares estar ainda acesa em 1625, as relações entre a administração e os jesuítas tinham diminuído consideravelmente, como se depreende das palavras do governador português de Luanda, Fernão de Sousa:

...“O jnventario da fazenda de Gaspar Aluares se fará, e não se tẽ perdido em estar esta fazenda em mãos dos Padres da Companhia, porque nelles está mais segura que em Thezoureyros, e se o testamento se annullar achala haõ os herdeiros sã quebra, nã demenoyçoõs porque a arrecadaraõ e beneficiaõ como sua, e não a despẽdẽ, como fazẽ os Thezoureyros, em que V. Magestade mande se tenha grande consideraõ, porque os nomeaõ os Bispos seus Prouisores em homẽs pobres que a recebem pera não dar conta della” (28).

Não há dúvida que Fernão de Sousa se posicionou muito perto da Companhia de Jesus. Em carta posterior, acusou os bispos e os governadores de se apropriarem de riquezas alheias em desfavor das “pobres uevuas, orfaõs, e herdeiros dos defunctos [que] andaõ pedindo pollas portas” (29). Mas esse sentimento de simpatia pelos jesuítas, estava longe de ser partilhado pelo governo do rei de Portugal e de Espanha, que,

em carta a Fernão de Sousa, datada de 15 de Novembro de 1625, afirmava a suspeita de morte provocada a Gaspar Álvares e, por consequência não ser válido o testamento que lhe atribuíam. O rei de Portugal ordenava ainda que a Companhia de Jesus deveria proceder ao inventário de toda a fazenda que o falecido deixara e que fosse depositada “em mão de pessoa segura”. Caso desobedecessem, os culpados deveriam ser presos e embarcados para Lisboa! (30).

Através de uma carta dum jesuíta no Kongo, somos informados da precária situação económica da Companhia de Jesus em Mbanza Kongo e em Luanda (em 1630), pois que “estava acabado o rescalo da fazenda do Irmao Gaspar Alvarez, que uay iá no cabo” (31), devido a “alguns descuidos dos procuradores” (32), ou ainda, como escreveu o reitor do Colégio de Luanda em 1633, devido à “muita frouxidão em muitos negocios, e muito se perdeo, por pouca diligencia” (32).

Em 1634 era ainda a renda deixada por Gaspar Álvares que contribuía para a manutenção do colégio de Luanda (34).

Curiosa é a referência que o governador português de Luanda, Aires de Meneses e Sousa faz, em 1678, a Gaspar Álvares, 55 anos passados da sua morte, a propósito da acusação, que aliás corrobora, de que os jesuítas não se empenhavam na missionação, preferindo a comodidade dos seus aposentos em Luanda:

... “talvez por fugirem da malignidade do clima, que a ninguem perdoa, ou obrigados de uma importantissima herança, que valia mais de quatro centos mil cruzados, que lhe[s] deixou um homem que dizem se chamava Gaspar Alvares, que foi com obrigação de que neste Collegio se ensinasse a ler, escrever, e algum latim, aos filhos dos moradores d’esta Cidade, para cujo effeito lhe[s] mandou fazer logo classes conjunctas ao mesmo Collegio” (35).

Enquanto que a vida dos jesuítas se tornava cada vez mais atribulada, a memória de Gaspar Álvares moldava-se em mitos, que naturalmente serviam como luva a uma certa moral da época, que nos finais do século XVIII teve em Cadornega um dos mais eloquentes testemunhos:

“Em esta mesma Cidade succedeo a hum morador hum cazo admiravel e espantozo, o qual se chamava Gaspar Alvarez, o *menino diabo* por alcunha, homem afazendado que possuhia muitos bens de fortuna que o negocio largo dos pumbos do reino de Congo lhe havia dado; este tal quiz parecer nas obras, com a alcunha; e foi o cazo que sendo mordomo da confraria do Santissimo Sacramento, e como tal andava quinta-feira de endoenças servindo com sua vestia em o sepulchro; teve necessidade de chegar a sua caza, ou a vestir camiza em razão do calor ou outra couza, em tal hora que o attentou o diabo do seu alcunha, a ter ajuntamento com huma sua escrava; não pondo por diante outra couza, satisfez seu apetite de tal sorte que querendose afastar nunca pôde, estando unido com seu peccado, e com a negra, como se fosse hum caxorro, e por mais diligencias que fez não houve remedio, até que conhendo sua culpa, fazendo juntamento voto e promettimento a Deos e a Sua Santissima May que, se o livrava daquella afflicção vergonhoza em que estava por seus peccados, se havia de metter em religião, e dar quanto tinha e possuhia de seu por seu amor; o que, sendo ouvidas de Deos suas lagrimas e arrependimento, que nunca falta como Pay misericordiozo aquem o implora com coração contrito; com o que se viu livre daquella vergonhoza fraqueza e mizeria e de *minino diabo*, de que tinha o alcunha, se fez minino anjo; e o podia ver conforme as obras que dali por diante fizesse ou parecesse; tomando a roupeta de irmão da Companhia de Jesus em o Collegio de Congo, Cidade de São Salvador, dispondo primeyro de sua grossa fazenda, fazendo muitas esmolas a pobres, ficando a mayor parte a este Collegio de Loanda, aonde veyo ao depois de Congo, chamandolhe o irmão Gaspar Alvarez, não tendo já aquelle ruim alcunha, pois estava mettido em outra pelle, sem ser espirito pitagorico.” (36).

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

- (1) Manso, 83-84/Brásio II,164.
- (2) AHU 4-58, 5-66/Brásio XII,17,349-355,413-418/Brásio XIII,467-468.
- (3) Brásio V, 179.
- (4) Brásio VI, 461.
- (5) Brásio VI, 526.
- (6) Brásio VI, 512.
- (7) Cavazzi I, 195/Cavazzi II, 93-94, 198-199.
- (8) Miller 1976, 203-204.
- (9) Brásio VI, 512.
- (10) Branco, 14-15.
- (11) Manso, 167-168.
- (12) Manso,169/ Arquivos de Angola, 2º Sr., vol. II, nº7.
- (13) Brásio VII, 71.
- (14) Brásio VII, 71-72.
- (15) Brásio VII, 79-80.
- (16) Brásio VII, 183-184.

- (17) Brásio VII, 160-161.
- (18) Brásio VII, 181-183.
- (19) Brásio VII, 89.
- (20) Brásio VII, 171, 228-231/Brásio VIII, 199.
- (21) Brásio VII, 89-90.
- (22) Brásio VII, 91.
- (23) Brásio VII, 89-95.
- (24) Brásio VI, 512.
- (25) Brásio VII, 279.
- (26) Brásio VII, 267.
- (27) Brásio VII, 279-283.
- (28) Brásio VII, 322.
- (29) Brásio VII, 346.
- (30) Brásio VII, 394-395, 405-406.
- (31) Brásio VII, 637.
- (32) Brásio VIII, 103.
- (33) Brásio VIII, 220.
- (34) Brásio VIII, 259.
- (35) Brásio XIII, 466.
- (36) Cadornega III, 312-313.
- (37) BN <L>, Códice 7642.
- (38) BN <L>, Códice 7642.

PROCISSAM

Relação das festas que a Residencia / de amgolla fez na beatificação do beato / padre fran[cis]co de xauier da Companhia / de Jezus. /

Aos 22 de julho de mil e seis sentos e vinte tiuemos notisia da be=atificação do nosso beato padre fran[cis]co de xauier, a qual em todos não so de=/nossa companhia,mas tambem em os de fora, asi Religiosos, e Ecclziasticos como / seculares cauzou notauel alegria: tambem quisto, e conhesido fez Deus a este / Santo em todo o mundo, que ate nesta etiopia occidental (1) foi tam festejado, / como podia ser em qual quer parte que elle honrou, e santificou, com seus raros / exemplos, de uertudes, miolagres, e profeçias, e ainda a que todos os da companhia / tem muita rezão de se alegrarem com esta beatificação comtudo os mesio=/narios que atreuerão os mares com manifestos perigos da uida por bem, e sal=/uação das almas, a tem particular, pois uem com seus olhos acreditadas / suas missões com tam ahalizado sancto, tendo o p[ri]meiro lugar depois do nosso B. patriarcha sancto ignaçoio no liuro e lista dos sanctos de nossa com=/panhia de jesus, ficando com isto obrigados a o imitar, e estimar tam / gloriozas imprezas. /

Tanto que soubemos a noua da beatificação pereseu ao padre so=/pirior, e mais padres que no mesmo dia se festejasem tam alegres nouas com /forme a possibilidade da terra guardando o mais do resto pero o seu dia. Ordenou / o padre sopirior que fossem dous padres a pedir aos senhores dos nauios que / mandassem disparar a artelharia e auizar aos prençipais da Cidade (2) da noua / beatidicação do B. P. fran[eis]co de xauier para que elles nos ajudassem a=/festejar, e dar mostras de alegria, o mais que se auntejou nesta materia foj / o guouernador Luis mendes de Vascoselos, (3) porque tanto q[ue] soube da / noua mandou a hũ dos moradores que se disparase toda a artelharia das / fortalezas, e nauios, e se aruorassem todas as bandeiras, mandando auisar / aos nossos que da sua parte estaua prestes pera festejar o saneto, e logo de=/pois das aue marias dado o repique de sinos no nosso colegio, seguin=/dosse o das outras igrejas mandou o g[overna]dor dependurar das janellas de sua eaza, / e uaranda muitas luminarias aparecendo no mesmo tempo toda a Cidade, / e nauios ardendo em fogos de Varias luminarias, o que cauzaua / hua apraziuel uista particular mente o mosteiro dos religiosos de S. / fran[eis]co, e o noso Colegio, que alem das luminarias de que estaua sereado, ar=/dia em fogos, de aleatrão que durou grande parte da noyte: em todo / este tempo soaua a artelharia das fortalezas, e nauios e camara, / que em diuersas partes da Cidade estauão postas. Os estudantes tambẽ =/se derão por obrigados a festejar o saneto, deitando m[ui]tos foguetes, / e buscapes (4) que tinhão guardado pera a bespora de saneto ignaço, a=/ehando que o saneto como paj os daria por bem empregados na festa <fl 1> / do filho, a quem em uida tiuera particular afeição, e amor por suas eroj=/cas uertudes, esta foj a demonstrasão que demos no mesmo dia que chegou a=/nova, e logo tomando o salto de longe comessamos a preparar o necessario pera / a festa do dia, Visto a terra ser falta do necessario pera semelhantes festas; / e no primeiro lugar se tratou de fazer hũa bandeira, e retrato do saneto, e=/outras pinturas, para o q[ue] ajudou m[ui]to, aVer na

terra hũ ensigne pintor, o g[overna]dor / Luis mendes de uasconsclos trouxe em sua companhia quando uejo do Reino e sem=/pre o teue em sua caza; e porque primeiro auia de siruir a bandeira que o=/Retrato mandou o g[overna]dor que logo se fizese a bandeira com as armas de nossa / companhia o sanctissimo nome de Jezus, sercado por todas as quatro partes / de uarios romanos, a qual bandeira se aruoro em toda a solennidade aos / vinta sete de setembro, mandando o g[overna]dor que se ajuntasem todas as companhias / da terra em hũa grande prassa que esta emtre as cazas, e o nosso Colegio, / dando cada hũa mostras de seu brio, e esforso, gastando esta tarde com alegria, / Reuezendosse o disparar dos arcabuzes, e mosquetes com o som de sinquo ternos / de charamellas, (5) que em diuersas partes competiã, e susediã hũas as outras; Aruo=/rada a bandeira com toda esta solennidade mandou o g[overna]dor com a mesma prégar / ao pe do mastro hũ quartel em louuor do sancto, muito bem composto com / grande eloquẽcia de palauras animando e conuidando aos poetas com uarios / premios aos louores do sancto; e em suma continha o seguinte. /

A quem fizer melhor canção na lingua portugueza sobre A=/morte do B. fran[cis]co de xauier tera por primeiro premio/hũa pessa dindias, que na terra são 22 mil rs O=/segundo premio hũas meas de seda com ligas, a quem glozar / melhor o mote seguinte. /

El sol que resplandeciente /
nos dá luz, fran[cis]co a uos /
no iguala que la de dios /
lleuaste al mismo oriente /

Por primeiro premio, hũ moleque que na terra he moeda de 18 mil r[éi]s. / O segundo premio hũas meas de seda, ao que melhor fizer hũ soneto sobre / qualquer milagre do sancto ou sobre alguã de suas uertudes tera por prem[ei]ro. / premio hũ moleque, o segundo huãs meas de seda, com a pobleiação do quartel / Creseu o animo, e espirito poetieo aos poetas que não erão poueos, e todos com / esperansas de aleansar os premios; ainda q[ue] o príncipal de seu trabalho erão / os lououres do sancto; antes de chegar o dia do saneto se tratou da ordem que / era bem ouuesse na diuizão e distribuição do que estaua aparelhado, de modo / que durasem as festas por todo o oitauario (como duraram) e asim irei di=/zendo por ordem o que se fez em casa hũ dos dias. Ainda que o estillo desta / Cidade he fazeremse as proeissões no proprio dia do sancto polla manhã <Fl lv> / Contudo pareço melhor, e mais acomodado que a prosissão se fizesse na uespera, / polla menhã (na tarde não he posiuel por rezão das ordinarias uirações (8) que / nesta terra eomessão a correr depois do meyo dia e com tanta vehemençia que / não poderiam as feguas andar, nem fallar, alem do muito pó que ale=/uantão, tanto que as uezes he neseçario ir andando com os olhos fechados; e asim / bastante cauza huã pena se não fazer na uespera do saneto a tarde.) nem tambem / comuinha fazerse o dia do saneto pella manhã, porque a jente principal que=/ria uer a proeissão e uendoa não podia hir tomar lugar pera a pregação, / e a isto se aerescenta, / que como a proeissão auia de gastar muito tempo, não / ficaua bastante pera a missa cantada, e pregação, e fazendose na manhã / da uespera do saneto se euitauão todos estes imecomuenientes; e asim a ues=/pora do saneto pella manhã se gastou com a proeissão (que foj a melhor que / até agora se fez nesta eidade da loanda) asim pella muita uariada=/de de danças como pellos earros treumphantés numqua uistos nestas / partes. /

Sahio a proeissão da igreja matriz desta eidade ate ao nosso colegio, / mandando a camara armar, e consertar as ruas, e caminhos prometendo por / premio a quem melhor armase; Vinte cruzados, estauão as ruas de huã / e outra parte ainda na parajem em q[ue] não auia cazas

muito bem armadas, / e o Chão cuberto de mateba (7) que responde a
 espadana de purtugal, e com esta / cidade caeser de frescura de aruores
 neste dia não faltou pollas ruas, estando / em alguãs parajês aruores
 cubertas de flores da arte q[ue] pudião compctir com / as da natureza,
 dauão prencipio a procisão tres gigantes com seu paj como / se eustuma
 fazer em lisboa, e derão muita materia de alegria a todos / e espanto dos
 negros, os quais dizião que a casta daquelles não uinha a Am=/gollaa
 porque não cabião nas nao[s] <1> a altura do corpo destes gigantes /
 passaua de uinte sinquo palmos, bem uestidos, e trajados, e com serem
 brancos / o paj hera negro anão deters palmos que se apanhou nas terras
 do dongo, (8) / leuaua hũs empreias e roupeta de ueludo uermelho, mas de
 ceda, e sa=/patos branquos, e huã gorra na cabessa de ueludo de varias
 cores, tudo / muito pera uer, e muito mais quando Ralhaua com os seus
 filhos e falando/ com elles lhes dizia mil donaires; apos os gigantes se
 seguia huã danza dos / erioulos de samtome, que na ligeireza do dansar
 uensião os mais, e com elles hia / o seu rej; diante do qual dizião suas
 arenguas (9) conforme seu custume, seguiãose / logo as confrarias desta
 cidade que são as seguintes; A confraria da Santa / Luzia, a de santa maria
 madanella, o Corpo santo, a de são joseph, a das / almas, santo antonio,
 nossa senhora do rozario, nossa senhora da com=/ceição, a do santissimo
 sacramento, todas com suas insignias; logo se seguia huã / nao que
 representaua a em q[ue] o santo se embarcou pera a india E as que liuurou
 / de Varios naofragios, toda muito bem petrechada e aparelhada com
 muitas ban=/deiras, e galhardetes, e com tal arteficio que a artilharia
 disparaua por si sem /ninguem lhe por o fogo; de tras da nao hia huã
 danza de espadas tem boa /como as milhores de purtugal, a qual se
 ordenou e sabio por mandado da ca=/mara. junto desta hia outra de
 pastores muito bem uestidos herão os=/filhois dos principais homens desta
 cidade, todos exercitados na arte de=[F1 2]/dansar, e depois de uarias
 mudansas fazião outras com cajados; /

As demais dansas que se seguem aos carros treumphantes que / hião no cousc da procissão, e para tudo se emtender melhor auemos de prosopor / que hia o B. P. fran[cis]co de xauier em hũ carro trehumphante, treumphando do / mundo, diabo, e carne, e idolatria, por este carro puxauão, Europa, india, iapão /c China, neptuno rej dos mares, por nestas partes fazer o sancto, e obrar gran-/des marauilhas, isto presuposto pintarei no p[rime]iro, lugar o carro treumphante, / em que hia o sancto, e depois descreueremos o de neptuno, deste carro tre=umphante em q[ue] há o beato P. fran[cis]co de xauier dezião muitos homẽs que / tinhão corrido o mundo, e uisto outros m[ui]tos que nunca ouirão melhor, nem tam / bom, tinha de comprido uinte palmos, não falando nos quartõs (10) que com / elles passauão de trinta palmos; do chão ao asento das feugas desdo so=/brado em q[ue] as feugas tinhão os pes se levantauão quatro degraos ate / outro em q[ue] se extribaua o trono do sancto; este segundo sobrado estaua scr=/cado por ambas as partes de uarandas pintadas de finas tintas hornadas ao redor de tela uerde com lauoures de prata, do remate das grades das ua=/randas, seguiãose de cada parte tres carros treumphais cubertos de volantes / emcrespados e tomadas com fitas de seda de uarias cores cubertos com csp=/gilhas de ouro; na diemteira de carro hia outro arco treumphal ma/ior mas do mesmo feitio, de todos estes arcos estauão dependuradas m[ui]tas /cadeas de ouro que seruião em lugar de uolantes, e das cadeas hião depen=/durados relicarios de ouro, as colunas em q[ue] se estribauão estes arcos /nasiam da parte exterior, dos assentos das feugas estauão armadas de / tafetas de uarias cores cubertos de passamanes de ouro, os lados do carro / estauão armados de boscatel, (11) e cortes [2] finos, de tella tudo nouo, o borcatel / hera uermelho, e amarelo de graciosos lauoures; os cortes azuis, de tal modo / q[ue] a cada pessa de borcatel soced[i]a hũ corte, ficando sempre na mesma / proporção de uariedade da cada parte destes lados tudo hia tesido c[o]m / uarios lauoures de uolantes e emcrespados, e outros dependurados, e no meyo /delles com propoção duas carraneas (12) de vulto, de cada parte

q[ue] com /os uolantes (13) tinhã particular graça, e magestade ornadas com vo=/lantes de uarias cores, e outros que tambem lhes sahião pollas bocas, / dos pes destas metas se estribauão em hũ ascnto cuberto de damas=/quo azul, sahia o quartão da proa q[uc] Voltando pollo ar vinha ficar / na altura do sobrado do carro, emsegura do meijo s[ó] polla parte / emterior estaua cuberto de tella uermelhos, e pella par-te. extc=/rior de tella uerde; o uão dos quartõcs, de huã e outra parte de da =/masquo azul guarnecido pollas bordas com uolantes emcrespados / q[ue] no arco do quartão arremetauão em forma de meycos eses, no alto / c mejo deste quartão estaua hũ anjo de uulto: o quartão da popa hera / a maneira de hũ perfeito S. polla parte de fora cuberto de borcatel(F1 2v) / Vermelho de apraziueis lauores, polla parte de dentro de damasquo a=/marcello todo quarteado de passamanes mui largos de ouro, sobre azul obra /mui riqua, por ficar de tras do 'sancto, as vãos destes quartão herão de sitim / azul guarnecido de uolantes emcrespados do mesmo feitio, e obra que o quartão / da proa. detras "estauão tres caranquas de Vulto mui grandes, que pellas bo=/cas lançauão uolantes verdes dos quias hũs ficauão dependurados, outros / fazião uarios lauores emtrescechados com os brancos do sobrado em q[uc] estaua / [3] trono do sancto subião duas colunas cada huã por scu canto; as quais sosten=/tauão hũ triangullo do mesmo feitio, e obra quea dos arcos no mejo deste trian=/gullo estaua o santissimo nome de Jezus, de modo que se uia dambas as partes / atrauesado com hũ rotollo que dizia. Vas electionis est miri iste ut portet nomen ncum coram gintibus, et regibus. Act 9 á n, 19, / sahio este rotolo das maos, de dois anjos de uulto que estauão sobre duas colunas; / sobre o triangullo estaua hũ globo que representaua o mundo com a letra que Juue=/nal deu a alexander acomodada ao sancto. XAVERIO NON SUFFICIT ca /daua a emtender que todo o mundo hera piqueno para os espiritos do B. fran[cis]co de /xauier como se conta em sua uida, tamgrande era o zello que tinha de o dou=/trinar e coltiuar, sobre este globo estaua, o sol com outra letra que dizia. / Alter orientis xauerius,

mostraua q[ue] o beato fran[cis]co de xauier era outro sol / do oriente, ainda q[ue] todo a obra deste carro triumphante tinha m[ui]to que uer, / não menos tinhão os olhos em que se ocupar na imagem do sancto de uulto / obra mui perfeita e acabada, asim na escultura como na pintura, teria / de altura outo palmos, a postura era a ordinaria como se costuma pintar / o B. fran[cis]co de xauier com os olhos pregados no ceo, o as mãos nos peitos aleuem=/tando a loba sinal das abrazadas emchentes dos gostos do ceo de q[ue] gozaua / a alma e coração; na cabessa leuaua hũ resplendor de prata dourada, a loba / de gorgorão (14) toda cuberta de lauores de cadeas de ouro, diamantes, rubis, e es=/meraldas, perolas finas, brincuos de ouro que se se ouuese tudo de aualiar / não tiria presso; e sobre tudo hera pera ver a ordem e traça com q[ue] tudo esta=/ua traçado, e comsertado, o trono do sancto hia cuberto de tella uerde; aos pes / hũ seraphim de uulto; dentro deste carro hião os quatro anjos custodios; /de Europa, india, japão, e China, mui bons muzicos, e tangedores; os quais todos / hião descantando com uiolas, e rabequinha, e cantando, os triumphos do B. / fran[cis]co de xauier, e o m[ui]to que fizera nestas partes; todos riquamente uestidos; /o anjo da Europa leuaua na cabessa huã capella de flores de ceda, e ouro / tesidas sobre huã cabeleira emtransada toda com fios de finas perolas, engastadas / em ouro, cercandolhe todo o peito, e costas, vestia huã uasquinha de sitim / carmezim, golpeado sobre tella branca tomados os golpes com canotilhos, / de ouro, de groçura de hũ dedo, toda borlada de ouro; emsima hũ roupão / de ueludo-verde, e amarello cuberto de rendas de ouro tomado com hũ sendal (15) / de tafeta carmezim emrolado com hũ riquo colar de ouro, hũ gibão de=/tabi, (16) com uolta, e punhos de fio douro, semelhante Era o traço d'os mais anjos, / ainda que diferentes no ornato, e uariedade de pessos de ouro, de pedras<F1 3> / Presiozas, grãos de aljofar, (17) / e cor de uestidos, abaixo destes anjos estauão quatro / uertudes, fee, speranza, caridade, Culto deuino, em que o sancto se esmerou; a fee / leuaua na cabessa huã grinalda de perolas, no mejo huã Cruz de ouro cuberta / de diamantes, hũ

uestido de tella branca, e azul; ao pescosso hũ colar de ouro / no qual
estaua dependurada huã serea de ouro, E ornada com uarios brincos / de
ouro, e muitas esmeraldas, na mão hũ christo muito deuoto, e fallando
com=/o sancto dizia, -/

Com iusto contentamento /
uos celebra a terra ãtanto /
que no ceo tendes por sancto /
premio de merecimento /

fazei conta que uos dá /
as premisias de maneira /
que agradeesse a simmenteria /
que nella fizeste já /

pois na mais oculta parte /
por uos fran[cis]co se ue /
oje a semente da fee, /
e a abundancia q[ue] reparte /

Justamente diria /
conhesendo o bem q[ue] medra /
que de çoraçoõs de pedra /
fazeis terra lauradia. /

Não só o uosso laur /
 deu colheita tão deuina /
 mas inda a uossa doutrina /
 em mãos de outro laurador. /

De sorte que dizer posso /
 que em uos me redefiquei /
 por que noua pedra achej /
 o grande spirito uosso, /

A esperança leuaua grinalda douro, o prata; uestida de uelludo /
 Verde laurado; cuberto de passamanes de ouro, E ornado de m[ui]tos
 brincos / de ouro, e finas perollas; louuando ao sancto com os uersos
 seguin=/tes. /

Se da fee fostes coluna /
 não menos em uos se alcança /
 ser symbollo da esperança /
 na pena mais importuna; /

pois polla q[ue] em deos tiuestes /
 animado o sofrimento /
 fazer em uos fundamento /
 sua igreja meresestes; /

e Como as uertudes gerem /
 sempre semelhante effeito /
 Vossa esperança tem ffeito /
 que muitos em de[u]s esperem; /

Tomando por exemplar /
 o fruito que em uos tem uisto /
 que de uosso mestre christo /
 aprendestes a ensinar; /

As que o profeta dezeis /
 compridas e a despidiu /
 Hierusalem nelle as uio /
 em uos m[ui]to sua igreja /

Naçendo nos q[ue] a seu gremio /
 se quizerão recolher /
 fee pera sabellas erer, /
 e esperança pera o premio,<F1 3v> /

A cariedade leuaua na cabessa hũ toueado de ouro, do qual estauão depen/durados muitos brinquos de ouro, e de finas perolas, o uestido de sitim ver=/melho guarneçido com passamanes de ouro; hũ jibão de tella; hũ colar de ouro / no peseosso, e os braços cozidos com perolas; os lououres que o saneto dizia são / os seguintes;- /

Quanto inextimanuel seja /
 a charidade o ualor /
 no que disse o redemptor /
 aos desipulos se ueija /

pois pera q[ue] se empregassem /
 nas excelensias q[ue] tem /
 com os inimigos tambem /
 lhes mandou que della uzasem /

As demais uertudes são /
 de amor piadozos efeitos /
 q[ue] emclina os amantes peitos /
 a darlhes execução /

Mas uzarse a charidade /
 sem que deste amor se ajude /
 he forsa que outra uertude /
 ter porpria caridade /

Assim que tanto mayor /
 <...> seu presso q[ue] o daquellas /
 quanto naser de amor ellas, /
 e desta naser o amor. /

Desa (Duarão excelente) /
tais obras em uos se hão uisto /
que não ser seu autor christo /
que ereis uos dixerá a jente; - /

O Culto diuino na cabessa hũ turbante de ouro vestido de sitim / verde, e amarello, cuberto de passamanes de ouro, ao pescosso leuaua huã gran=de cadea de ouro, na qual hia dependurado hũ fermoço reliquario, alem / de setenta pessas de ouro q[ue] hião repartidas pello uestido.o gibão era / de sitim amarello todo borlado de ouro, ao sancto diziã a poeziã seguinte; -/

No deuino zello uosso /
com q[ue] a de[u]s almas buscastes /
que a o de Ellias igualastes
justamente dizer posso; /

que se entre ambos os sogeitos /
são de excelencias iguais, /
não menos uos igualais /
nos milagroços feitos; /

se por seu zello alcançou /
trazer a seu sacraficio /
o fogo do çeo propisio /
Com que o pouo aluminou /

O nosso zelo asendeo /
 nas almas fogo de amor /
 de que fostes zellador /
 que he tambem fogo do céu /

Se da esterilidade dura /
 liurou a imcredulla jente /
 nos leuastes ao oriente /
 a uerdadeira fartura<F1 4> /

Assi que posso dizer /
 que nas nouas alegrias /
 hei uisto outros dous elias /
 em baptista, e xavier; -<F1 4> /

Estas são as figuras que hião dentro do Carro, as que puxauão por elle erão / as seguintes. Europa, india, Japão, china, Europa leuaua na cabessa, hũ / turbante de fio de ouro e prata tudo fino feito de rozas, e boninas; (18) entrese / chadas com uarias perolas, çercado com hũa danda (19) de tafeta amarelo com m[ui]tas pontas / de prata, q[ue] cahião sobre as costas; toda esta banda polla parte q[ue] respondia á cabessa, hia / cuberta de uarias pessos de ouro entresechadas, com finos rubis, e esmeraldas, e no mejo hũ / diamante de m[ui]to preço polla parte que cahia sobre as costas, cuberto com uinte cadeas de ou=/ro meudas; por sima das pessos de ouro, e pedras preciosas q[ue] leuaua na testa hião mais duas or=/dēs de pessos de ouro, e finas perolas asentadas sobre fitas de diuersas cores, sobre estas duas / hordēs estauão mais outenta pessos de ouro, a maneira

de corações com seus remates de perola. /no remate do turbante leuaua huã safira muito grande, emcastada em ouro q[ue] seruia de / caluario de huã cruz de ouro, toda cuberta de perolas finas, leuaua huã uasquinha de /damasco carmezim toda cuberta de passamanes de ouro q[ue] lhe daua polla canella de pec; por / sima huã opa de ueludo uerde toda bordada de ouro; <4> / O gibão de tella de ouro, sengido com hũ colar de ouro; ao pescosso leua=/ua huã cadea de quinze uoltas, com hũ reliquario; atrauessaua lhe o peito hũ / colar de ouro, qual leuaua dependurado hũ tresado dourado, as meas he=/rão de seda uermelhas, sapatos branquos, brincados com fio de ouro, e prata / e grãos de aliofar; e tanto que as uertudes acabauão de fallar com o sancto / comesaua europa a dizer: /

Se Europa teue por nome /
mã y dos peitos uensedores, /
he mais lisito q[ue] tome; /

Porque sedamos a palma /
a quẽ uense o inimigo /
qual he de major perigo /
q[ue] e das proprias paxões da alma: /

E se grande uensedor /
desta europa emjendrou /
quanto mais denificou /
deste nome o mor louuor; /

Quem mais q[ue] o grão xauier /
 Rezistiu á dura guerra /
 que lhe fizerão na terra ?/
 pois tambem soube uenser. /

Vendose emgrandesida /
 europa com lauor tanto /
 pera festejar o sancto /
 a todo o mundo conuida; /

oferesendo o tezouro /
 de Nosso ualor deuino /
 desde o grão <...> /
 ao herculeo e alpe mouro; -/

E pera mais festejar o sancto mandou sahir huã dança uestida do / trajo de europa, que por ser de mininos de sete, e sinco annos tinha /particular graça. a india leuaua na cabeça huã trumfa tessida de / tafeta amarello, branco, e uermelho; cercado pello que com huã banda /de tafeta amarello, com pontas de ouro, o pe da trumfa hia toda tesido / com grãos de aljofar, e granatas finas, emgastadas em ouro; huã joya<F1 4v> / Com des diamantes finos, e mais asima hũ pelicano douro, no peito hũ fino / robe; sobre o policano ficaua huã ballea de ouro, e sobre ella neptuno / com seu tridente na mão direita e na esquerda em lugar de borquel huã es=/meralda fina; toda esta ballea hia cercada de finas esmeraldas que / seruiam em lugar de mar; leuaua neptuno a ballea empreada com / cascas de ouro entresechadas com finas esmeraldas, e polla parte / em q[ue] neptuno leuaua a cadea estaua emcastada huã fina perola. / Rematauasse a trumfa

com hũ relicario de ouro, e huã pera de ambar / cuberta de ouro laurado;
 no mais corpo da trumfa estauão quatro / relicarios de ouro, em propoção
 cercados com cento, e des corações / de ouro todos esmaltados, e
 hornados com uarios pedras preciozas com / muitas perolas, e grãos finos
 de aljofar. O uestido cra hũ uaqueiro / de tella roxo todo borlado de ouro;
 e por sima huã opa de setim / encarnado, toda borlada de ouro; hũ gibão
 de tella branca fina / huã espada de prata sobre dourada; no pescoço
 leuaua hũ eolar / de atochar, rechiado de ambar cercado todo ao redor de
 finas esme=raldas, abaixo estauão tres colares de ouro repartidos em
 uarios / lauores, e falando com o sancto dizia; -/

Jinda q[ue] o sol no oriente /
 daua acostumada luz /
 faltando a do q[ue] na cruz /
 a deu a mais çega gente /

Em treua cscura uiuia /
 ate q[ue] o grão xauier /
 fez nella resplandeser /
 a que de de[u]s recebia; /

quando do chan de[u]s tirou /
 a forma do mundo uaria /
 huã e outra luminaria /
 pera darlhes luz criou; /

quando do rej luzitano /
 como q[ue] de[u]s lhe espiraua, /
 descobrir detriminaua /
 O nosso mundo indiano /

Não sem diuino misterio /
 da emnauarra luminaria /
 que da luz mais nessessaria /
 adorne seu emispherio, /

Este sois uarão deuino /
 a cujo seruisso entrega /
 tudo quanto o intorega /
 Se de seruiruos se digno,- /

E á imitação da europa, apresentou ao san[c]to huã dansa de buzios m[ui]to ao=/natural, e que ao som, e pancada da uiola fazião todos os meneos, ces=/gares que costumão; Seguiasse logo o japam, o qual tinha na cabeça / huã trumfa de campo azul, com alguãs rozas cubertas de pontas de ouro / e outras de uolantes brancos de uarios lauores, a que dauão graça=<F1 5> / Suas fitas encarnadas q[ue] por dentro do uolante parecião; na diam / teira leuaua hũ crucifixo de ouro, de mejo palmo todo esmaltado, e por / caluario dezoito diamantes finos, e por rotolo da cruz hũ diamante fino, / ficaua o crufixo dentro de hũ circulo de aneis; seguiãosc logo pollo mais / corpo da trumfa uarios lauores de perola entrescelados, com setc esmeral=/das, e sete diamantes, leuaua uma marlota de sitim azul toda borla=/da de ouro, os calções de borcatel

amarelo, com lauores brancos, e roxos; / Suã oppa de tella fina, com
 muitos passamanes de ouro, e gibão de=tella de ouro, meas de seda
 amarellas, os sapatos de ueludo uerde, / todos cubertos de ouro, o peito
 leuaua tecido com m[ui]tas cadeas, e colares / de ouro, na ilharga hũ
 treçado de prata com bainha de ueludo uerde /cuberto de lauores de prata,
 dependurado de huã banda de prata; / Diziã os uersos seguintes; - /

gozar de barbaro imperio /
 como pompa tranzitoria /
 inda q[ue] na terra he glória /
 para o céo he uitoperio /

Que quanto hé mais principal /
 em todo o mortal uiuente /
 que o corpo defficiente /
 o espirito inmortal, /

Tanto mais se hade estimar /
 pretendendo a eterna palma /
 a durante gloria dalma /
 q[ue] a q[ue] he breue de acabar; /

Em barbara monarchia /
 gozaua o japão remoto /
 enquanto o poder ignoto /
 de christo não conhecia /

mas depois diuo fran[cis]co /
 que o uosso piadoso intento /
 lhe deu seu conhecimento /
 pondo a uida amada a risco /

Terão os incolos (20) seus /
 nome de mais excelencia /
 que o prencipio da sciencia /
 que he seu temor disse deos; /

Pera q[ue] veiais q[ue] estima /
 a gloria q[ue] uos lhe dais /
 offerece a q[ue] gozais /
 enquanto domina seu clima; /

Offerecia por remate huã / dansa de mininos japões em agradecimento /
 do insino que do saneto padre fran[cis]co de xauier receberão, a china /
 leuaua huã trunfa de campo azul selestee, e uerde mar tomada com hũ /
 uolante branco de uarios lauores, na diamteira estaua hũ crufixo / de ouro
 de mejo palmo, em lugar de caluario, seruia huã pessa de / ouro ao modo
 de triangullo chea de ambar; seguiãose logo tres cru=/ses de ouro postas
 em iguaol distaneia e porporção; todo o mais corpo<F1 5v> / da trumfa
 estaua cuberto de uarios lauores de finaç perolas entresechadas / com
 trinta rubis finos, tres relicarios de ouro, seis peras de ambar cuber=/tas de
 ouro; sincoenta pessos de ouro a modo de esferas, seis ancis com=/finas
 esmeraldas; dezanoue pares de brincos de ouro, tudo com m[ui]ta hordem

/ e conserto; leuaua huã uasquinha de sitim amarello laurado, todo
bor=/lado de ouro, e huã opa, de pasarinhos, e lauores da china, tudo
borlado; / hũ jibão de tella uerde mar, a espada pratiada, o cuberto de
uarios / lauores feito com cadeas de ouro; ofercendo ao sancto o imperio
da=/china com os uersos seguintes; - /

Se o sol no espelho ferindo /
uagantes raios retorna /
com que seu contorno adorna /
dobrada luz repartindo. /

Como a india uenturoza /
de fran[cis]co espelho ha sido /
que qual sol de de[u]s nacido /
lhe deu luz miraculosa. /

Raios tam resplandesentes /
deste espelho rezultarão /
que os chinas alumiarão /
inda que do sol auzentes. /

De mançira q[ue] entenderão /
Vendo o resplandor jocundo /
que comessuauão outro mundo /
com a noua luz que tiuerão /

Como num tempo o grego /
 a deos ignoto rendia /
 graças do que recebia /
 amorozo inda q[ue] sego /

e a uos sol não conhecido /
 delles mais q[ue] por aquella /
 luz que lhe mandastes bella /
 de que sempre estais uestido, /

Com demonstrações de amor /
 a vosso culto oferessem /
 quantos reynos lhe obedessem /
 e uio uosso resplendor, /

A danca da china tinha muito que uer, porque era de monstros silves=/tres uestidos de pelles de uarias cores, e com borgueis, e masas esgre=/mião entre si a pancada da uiolla; E porque o Sancto padre fran[cis]co de xauier / obrou no mar, não menores marauilhas que na terra, enfreado, e a=/mançando a fúria dos uentos, e tempestades, neptuno pera se amostrar / agradezido hia diante destas, quatro figuras puxando tambem / pello carro em sima de huã ballea, feita ao natural, e com grande / arteficio; da cabessa ao rabo tinha mais de sento, e dos palmos; sobre / as costas sustentaua hũ tabernaculo, de dezoito palmos de comprido, / noue de larguo; o rrabo uoltaua pello ar, e uinha dar com huã<F1 6> / Espadana

sobre a cadeira de neptuno; muito arteficioza, repartida / com seus Quartões, cuberta de uarias sedas que dizião com a cor do mar / cubertas de passamanes, e pontas de ouro, entresechadas alguãs com conchas, / todo este treato hia sercado ao redor, e por sima de areos treumfais, eu=/bertos de uolantes de ouro, e prata emcrespados, e tomados com fitas / de diuersas cores; dos quais hião dependurados muitos ramlhetes de=/flores; no principio deste teatro estaua neptuno com seu tridente / uestido de tella uerde com hũ roupão de felpa, uerde branca, e Ver=/melha, que podia siruir de o emparar das frias agoas do mar; a nep=/tuno acompanhauão quatro sereas com seus estromentos musicos de Vi=/olas bandurria, (21) e rabequinha, com os quais fazião perfeito deseanto, (22) / o qual acabado dauão suaue muziea ao saneto, ao mandado de nep=/tuno, o qual sahia a campo dançando estremadamente quanto se po=/dia dezejar de hũ mestre desta facultade, e ás vezes dançaua com as se=/reas, acabada esta dança mandaua neptuno aos pexes que sahisem / ao campo pera tambem festejarem o saneto, e obedecendo os pexes / deitaua a ballea polla boea huã dansa de des pexes, que ao des=/cante das sereas dançaua muito bem; acabada a dança se tor=/nauão a recolher pella boca da ballea; finalmente oferesiase nep=/tuno ao seruiço do sancto com os uersos seguintes; - /

Eu que do mar insolente /
 me coube o imperio absoluto /
 q[ue] faz guerra ao reino enxuto /
 combatendo eternamente /
 nenho abater meu tridente /

A uos fran[cis]co sagrado/
 porque a meu reino salgado /
 vossa luz comunicastes, /
 quando mais dose o tornastes /
 que fonte em uredozo pprado. /

Ouro, prata, e pedras finas /
 q[ue] pera ornar minhas urnas /
 tenho en secretas furnas, /
 mais que arabia em suas minas, /
 A uossas plantas diuinias /
 offereço inda que ellas /
 sobre perolas mais bellas /

Gozão de maior tezouro /
 pois q[ue] em uez de pizar ouro /
 estão pizando estrellas. /

Louros, glaucos, (23) pheos, phocas, /
 nerças heritreas /
 con trãsparentes libreas, /

e com azuladãs toucas /
 dentre crialinas rocas /
 a festejaruos uirão /
 e o trombeteiro trião /
 para som tão estupendo /
 q[ue] trema o inferno horrendo /
 na presente ocazião /

As baleas dezumanas /
 e espadartes uiolentos /
 rasgando mares e uentos /
 com rompentes barbatanas /
 nestas festas soberanas /
 tambem uos oferecera<Fl 6v> /

Se alcançado não tiuera /
 que tudo quanto offereço /
 não iguala o menor preço /
 da luz que em uos reuerbera /

Offereser tambem uento /
 a uossa festa glorioza /
 a multidão escamoza /
 de quantos subdito tenho, /
 as sereas que detenho /
 em minha morada fria /

porque undose (24) armonia /
 os sentidos me regulem /
 que o mar procelozo (25) calem /
 quando com os uentos profia /

Porque em minha monarchia /
 não uejo couza disente /
 que na ocazião presente /
 festejar posso este dia /
 com mostras de alegria /
 Vossas grandezas festejo /

porque a muita q[ue] em my uejo /
 me faz do sentro sahir, /
 É a estas partes surgir /
 a poblicar meu dezeio. - /

Detras do Carro treumfante herão leuados em treumfo, a idolatria / mundo diabo e Carne; a idolatria ia asentada sobre huã bicha (26) / de sete cabessas couza prodegioza, o trono, da idolatria era requissimo / de ouro pedras preciosas bastante pera fazer idolatrar aos cobiçosos; / as cabessas da bicha erão todas coroadas, e cada huã tinha particular / misterio e significação; no mais alto estaua a cabessa de hũ leão que / representaua a soberba, abaxo a de hũ jumento, que nas letras uma=/nas he simbolo de auareza, como a do cão a da inueja, a quarta a de hũ / porquo a luxuria, a quinta a do tigre a ira, a seista a do lobo a gula, a se=/tima a do animal preguiça do brasil; dentro desta bicha hião dous ho=/mês que a fazião mouer sem serem uistos, hũ nos pes, outro nas mãos; / com o rrabo daua tres uoltas mui grandes e sobre a terseira o leuantaua / pollo ar mais de tres couados; =/ (27)

junto a edolatria hũ belzebu aconpanhado dos quatro diabos de eu=/ropa, índia, japão, e china, queixandosse todos serem desterrados de suas / prouíncias; e depois de uarios queixumes confessauão que o beato fran[cis]co / de xauier era tão grande sancto que ate elles o querião festejar, ã=/pondose em hordem noue diabos dançauão com os tridentes ao ca=/rro treumphant e acompanhaua toda a ellerezia, e relegiozos q[ue] auía / na terra; aos quais seguião os principais da terra, e mais jente do pouo, / que alem da que hia no couse da procição, era tanta que não cabia / pollas ruas, e que numqua se uiu em angolla; posta em hordem.<F1, 7> / A procição de maneira que tenho dito, depois que o carro treumfante / se

abalou sahiu ao encontro a receber o sancto o Reino de Anguolla / uestido de uelludo uerde todo bolado requissimamente, com huã / trumfa de campo azul, com hũs quartõs a maneira de coroa, tomados / por dentro com hũ uolante que lhe cahia sobre as costas, toda esta / trumfa hiã tesida de uarios lauores de cadeas de ouro, perolas finas, pedras / presiozas de muito preço; nos pes leuaua huãs botas brancas todas cu=/bertas de botõs, e cadeas de ouro; e ao sancto dizia- /

Diuino xauier sancto espantozo /
 Espelho uniuersal da sactidade, /
 unico fenix só e o mais famozo /
 retracto puro ao uiuo da omildade /
 nas marauilhas raro, e milagrozo /
 obra da mão dedês de emensidade /
 e finalmente tão diuino, e sancto /
 que olhando pera uos tudo he espanto. /

he tão soblime, e tal minha alegria, /
 e pera todos tão asinalada /
 com a merse que oje em este dia /
 meu Reino recêbeu com uossa entrada /
 que uendo o nouo sol que lhe alumia /
 anda a jente toda aluoroçada /
 com jogos e danças, festas e primores /
 que em meu reino não uirão outras maiores; /
 Depois que esse diuino fundador /

de uossa sancta, e casta companhia /
 em meu reino entrou deu resplendor /
 tão grande que a do sol proprio excedia /
 bem sentirão os meus seu uiuo ardor, /
 e os quilates da luz que em si trazia /
 pois muitos delles forão bautizados /
 por seus filhos, e os tais regenerados;<F1 7v> /

Porem agora sancto esclarecido /
 com uossa uinda já tão dezejada /
 esperamos por uos ser sometido, /
 a obediência da mãj sancta, e sagrada, /
 se la na indiã sois tão conhesido, /
 porque em meu reino não, e patria amada /
 o não sereis, pois sois no exelço imperio /
 huã asusena bella, e hũ bello lirio; /

Se la sois conhecido e uenerado /
 polla jente e uireis dese oriente? /
 pollo nosso aqui sois honrado, /
 se honrrarse pode hũ ser tão excelente; /
 fidalgos meus sem conto há sojeitado /
 a jurdição do rey alto, e potente /
 agora falta so que alumiados /
 por uos meus filhos sejam doutrinados. /
 Ponde os olhos benignos, e amorozos /

neste meu reino grande xauier, /
 os milagres fazer pordigiosos /
 que customais com tal gloria a fazer, /
 pera que assi os reis mais poderozos /
 vossos filhos, e irmãos possão render /
 ficando o nome uosso promulgado, /
 Neste seu reino, e mais amplificado. /

Mas adiante estaua outro no qual tambem sahia a Re=/seber o sancto o
 reino de congo, igualmente uestido com o=/mesmo trajo, e riqueza de
 angolla, e ao sancto oferesia suas rique=/zas,-<F1 8> /

Oje que desde o olimpo e christalino /
 tornais a dar ao mundo o nouo lume /
 que recebestes la do sol diuino /
 que dar perpertua luz tem por custume; /
 Agora que gozais dese uno, e trino /
 a uista emcomprehensiuel no alto cume /
 com mais amor que de palauras copia /
 vos sacrificio parte da Etiopia /

De Conguo o reino sou que segurmente /
 meus filhos governarão o reino quando /
 vos diuino fran[cis]co do oriente /
 os reflexos da luz me fostes dando, /
 Se vosso corpo não gozei presente /
 oje por uos a de[u]s estou gozando /
 que as minhas treuas uossos filhos derão /
 Luz que em vossa doutrina receberão. /

Pobre satisfação uos offereço /
 no que meu setro impera, e se he uerdade /
 que tanto beneficio não tem preço /
 e de algum sojeitar minha uontade, /
 e que inda que louuaruos não mereso /
 corroborando em uos minha omildade /
 furtarej linguas com que a minha pobre /
 pera ser uossa fama forsas cobre. /

Não de aromas sabras, e ouro puro /
 apresentaruos sacreficio uenho /
 almas si de meus incolas seguros /
 de que as estima o de[u]s q[ue] por uos tenho /
 olhai sancto e nesse eterno muro /
 por despojos de uosso alto disenho /
 apresentailhas pois q[ue] uos lhas destes /
 pera que se não perqua o que fizestes.- /

Junto a cadea as escadas da camara por ordem, e traça da mesma
 Ca=/mara sahiu huã figura q[ue] representaua todo este imperio da
 etiopia, trajada / conforme ao costume da terra que he hũ pano da sintura
 pera baxo e o mais como / a natureza <5> criou, o pano da etiopia era
 requissimo tomado polla sentura com / huã emponda de seda, e depois de
 dizer ao sancto os uersos seguintes espalhou com grande aro=/gançia
 m[ui]tas pataquas, o q[ue] foi cauza de guosto, e alegria pella contenda
 q[ue] ouue quem sobre quem as=/<F1 8>/ Auia de apanhar e recolher. - /

Eu que cabessa sou da etiopia ardente /
 catolica, e sezaria, em <6> e forte /
 (Diuino xauier) que la no oriente /
 fostes das almas sol, das uidas norte, /
 Pois que na festa uossa estou presente /
 felise ocazião ditoza sorte /
 dos moradores meus uos ofereço /
 o preço da uontade que he sem presso /

A prata deixo, e ouro que se enserra /
 no sentro destes rejnos, e as armas /
 que uão pera as entranhas desta terra /
 em uazo de christal se <7> pomas /
 por que a fragança vossa q[ue] desterra /
 os preziosos balsamos, e gomas /
 tudo uense: e a luz, que em uer se esmalta /
 o asendrado ouro p<8> em <...> falta. /

Mas se das almas os afeitos puros /
 nascidos de amor uos satisfazem /
 mil brandos corações, de peitos duros /
 uos apresento pois em si uos trazem /
 hũ fenix deste tempo e dos futuros /
 que acabando as festas q[ue] oje em my uos fazem /
 vos offereço porque suas pessas /
 de uossa uida são doses sirenas. /

Quizera ser qual roma, poderosa, /
 qual pariz ou ueneza rica, e graue /
 como florença ou napules lustroza, /
 como lisboa celebre, e suaue, /
 como siuilha plana, e deleitoza /
 emfim quizera ser do mundo chave /
 pera uos entregar as de meus muros /
 so para ficar honrada, e elles seguros. <F1 9> /

A porta da nossa igreja estaua a gloria, e dela sahiũ o nosso Beatis=/simo
 patriarquã Sancto ignasio Cujo uestido estaua cuberto de=/muitas cadeas
 de ouro, perolas, pedras presiozas em tanto numero que / não posivel
 contalas, e falando com o beato Pe fran[cis]co xauier dizia. = /

Da mil parabẽs a terra /
 fran[cis]co em nosso louuor /
 ao impireo soberano /
 a si mesma, a mim e a uos. /

Ao ceo, porq[ue] uosso spirito /
 oje nouo treumphador /
 renoua nella alegrias /
 que uossa morte cauzou; /

A si mesma conhesendo /
 q[ue] como luzente sol <9> /
 nella produziis uertudes /
 como agmentais resplandor /

A mim porque se he uerdade /
que adopta filhos o amor /
nessa conta posso teruos /
pois he tam puro entre nos. /

E a uos Vos da perabês /
de q[ue] tanta graça pos /
nesse spirito diuino /
quem da graça he so autor. /

Se aos indisios que na terra /
uoso exemplo nos mostrou /
o ceo com gloria immortal /
a dado o premio major. /

Oje a militante igreja /
na terra manifestou, /
uerdades destes indisios, /
e indisios de m[ui]to amor. /

Entraj nella a descansar /
pois no ceo uossa alma entrou /
que depois de auer colhido /
descança o bom laurador /

Ja q[ue] o q[ue] uos semeastes /
 tanto se montiphicou /
 q[ue] as quatro partes do mundo /
 comem de uosso lauor. /

Oje a espoza uos espera /
 como a forte uensedor /
 de tentações de trabalhos, /
 de pirigos e aflições /

Vinde a gozar em seu leito /
 esta que he dos campos flor /
 que bem deue repousar /
 quem tantos montes pasou /

E en uosso caro ignacio /
 piadozos braços uos dou /
 donde descansarias justo /
 como outra uez <...> /

Tanto q[ue] sancto ignacio acabou de falar os anjos do carro trumfante /
 lhe derão huã musica, a qual acabada serrouse a gloria; e os quatro /
 anjos tirarão o sancto do carro treumfante, e o puzerão em hũ andor /
 muito bem hornado no qual pegarão os ureadores leuandoo nas mãos / e
 os anjos cantando lououres ao sancto, athe o porem no altar,<F1 9v> /
 Mor con toda a solenidade, e serimonias acostumadas, e ja que estamos, /
 dentro da igreja sera bem dar mostras de quam bem hornada. e armada /
 estaua, e por parecer dos moradores foj a melhor formação que uirão /

nestas partes, asim na traça como na riqueza das sedas, e arcos de sera / que mandou fazer o g[ouerna]dor Luis mendes de Vasconselos de que logo farei menção. /

O tecto da igreja estaua armado de tafetas nouos de Varias cores / as paredes de huã e outra parte por baxo com panos de damasquo de uarias / cores, e por sima cobertores riquissimos e os mais deles borlados de ouro; todos / ao redor estauão quarteados de pessas de ueludo, e damasquos de uarias cores / que dizião com as dos cobertores tudo com propoção, e comrespondencia de am=/bas as partes, toda esta armação estaua diuidida e quartcada com cordeis / de algodão, laurados com fitas uermelhas, e sobre o uermelho com passamanes / de [prat]a q[ue] lhe dauão muita graça alem dos muitos uolantes q[ue] por todos / as partes da igreja estauão dependurados, mas sobre tudo rcalsaua a obra, / do g[ouerna]dor luis mendes de uasconselos, que emuentou, e traçou pera deui=/dir o corpo da igreja da capella mor, por ser a nossa igreja de hũ so corpo, / mandou fazer quatro colunas, e tres arcos com sua cornija; tudo de / obra toscana feita pellas regras, e medidas da arChetectura na qual / como em as mais artes he emsigne o g[ouerna]dor o arco do meijo respondia / ao altar mor, os outros dous aos das ilhargas, toda esta maquina he / de madeira, cuberta de ruão pintado; os pendentos das colunas de jaspes, / o corpo das colunas o uão entre os archos e cornija de cor uermelha, / os archos, gaze, e chapitel das colunas, toda a mais cor <...> ia de amarelo, / todos os campos uermelhos estauão cubertos de uarias frutas de sera, / todo o jenero de uuas com suas parras, laranjas limões, sidras, / peras, masam figos, e outra m[ui]ta fruta e uarias flores tudo tanto / ao natural, que se pudião emganar não so as aues do ceo como comunas / de zurxis mas tambem homẽs, como zeuxis com a toalha de parrazio, / a cornija sobre a aleuantauão quatro piramides, de cor amarella e nos tres uãos, que ficauão entre ellas estauão noue parras, tres em cada /

uão, as duas extremas cheas de asenas, nas do mejo ramos de masãs, /
 limôs, e laranjas, cada huã com sua fruta; e não deixarei de aduertir, que /
 ainda q[ue] estas colunas e arcos se possão fazer facilmente em lisboa e
 outras partes / comtudo em angola he mui dificultozo porque nem officiais
 nem madeira / acomodada pera se fazer e se não fora a continua assistensia
 do g[ouerna]dor, que / por espaso de dous mezes desde pela menhã athe
 noute estaua ensinando, / e emcaminhando os officiais não se podera leuar
 a obra ao cabo, / muito podera dizer do ornato conserto, e riqueza dos
 altares dos clericos, / dos cheiros e perfumes com que recendia a igreja
 mas tudo deixo e so / quero fazer menção do retrato que de nouo se fes de
 nosso B. P. <FI 10> / de xauier o qual estaua no altar da ilharga que fica a
 parte do euangelho, / obra tam perfeita quanto se pode desejar, nem crejo
 que em nehuã parte se faria melhor, o quadro tem outo palmos, e mejo de
 alto, e seis / de largo, nelle esta todo o corpo do sancto, com os olhos no
 ceo como se cus=/tumão pintar; e com tal arte que uintamente estão
 pregados em hũ / crusifixo que tem na mão esquerda suando sangue como
 o do castelo / de xauier que o suaua quando o sancto se uia em alguns
 trabalhos ou perigos, / e nas sextas feiras do anno em q[ue] o sancto
 morreu, de q[ue] faz menção o nosso / P Horatio turselino no liuro seisto
 capitulo, de sua vida, junto / ao crusifixo ficauão uareos generos de
 tormentos e martirios que de[us] representaua ao sancto, e a uista deles;
 Non satest domine, Non=/Sat est. as quais palauras estauão escritas com
 letras de ouro, mais / abaixo estaua o mar pintado, e nelle huã nao
 combatida, e quazi souer=/tida dos uentos, com o batel que o sancto
 milagrozamente fez pareser, / da outra parte estaua pintado a gloria
 gostos, conçoções com que de[us] lhes / emchia a alma, e coração, e
 com a mão direita aleuantando a loba do peito / saindolhe da boca com
 letras de ouro aquelas palauras. Sat=/est domine Sat est, ao pe do sancto
 estauão dous anjos cada=/hũ sustenta na cabessa hũ rozalo de letras de
 ouro lançado com / muito artefizio; no primeiro estão estas palauras

B, fran[cis]co No=/outro de xauier; isto quanto aprociacão cõ q[ue] se gastou a bespora po=/lla manhã, na qual ouue tambem algũs pasos, e representacõs de=/deuotos particulares, q[ue] deixo por breuidade; na tarde ouue ues=/peras solinis e ã a noyte o fogo seguinte;- /

Ouue primeiramente hũ castelo de fogo montantes roda aruore e ou=/tras invencoes, da caza, do governador se lancou um cordel ao nosso coleio e por elle / se Canearão huã duzia de fugetes com tal furia que sahindo de caza do go=/uernador e dando na parede do nosso coleio que he boa distancia hião aca=/bar aonde sahião, a aruore de fogo tinha sete duzias de bombas cada huã de quatro palmos dez duzias de fugetes, seis duzias de buscapes e cinco ro=/das de fogo, os montantes forão dous cada hũ tinha sete fugetes amarcado / <10> cada fugete destes dispidia seis buscapes com suas repostas, a estes dous / montantes respondião duas rudela de fogo cada rudela tinha dez fugetes polla / borda e cada fugete deitaua de Si tres buscapes, o Castello de fogo estaua / situado no meio da praça tinha de altura trinta palmos e de largura vin=/te repartido em tres quadras todo muito bem pintado de modo q[ue] so a uis <11> / ate a hia os olhos, na quadra de baxo estauão quatro esferas grandes tão bé / pintadas cada huã en seu canto, cada esfera tinha doze duzias de traques / e quatro duzias de buscapes, e o mais fogo do Castelo he o seguinte Sincoenta / bombas cada huã de outo palmos seis duzias de fugetes trinta duzias de buscapes uinte e quatro duzias de traques dependurados a modo de cachos de <F1 10v> / Uuas dezaseis rodas de fogo e huã pomba que foi dar fogo ao castelo alem de tudo isto / se lançarão mais de uinte duzias de foguetes, doze duzias de buscapes, os estudantes / Canearão tambem grande copia de fugetes e buscapes, o mais fogo se guardou p[ar]a a ou=/taua do Sancto de que adiante se faremos menção, /

No dia do sancto pola menha ouue missa solene cantada a tres choros com / todo o genero de instrumentos e pregação. A tarde deste dia se gastou na distribui=/ção dos premios das poezias que se derão con toda

a solenidade sendo Juiz delles / o governador, hũ letrado sicular, e hũ
 padre nosso e antes que relate as poezias / dos premios quero no primeiro
 lugar esCreuer as que compos o governador q[ue] se / ouuessem de entrar
 em competicias se llas deuião os premios, - /

Poezias que compos o governador Luiz /
 mendes de uasconcelos em louor do /
 B^o. fran[cis]co de xauier em sua /
 Beatificação. /

A morte do gloriozo B. Padre M. francisco de xauier. /
 Canção /

A morte canto que de eterna uida /
 alto principio d<12>u ao gloriozo /
 Sancto que de xauier ilustra a gloria /
 e choro uer (segundo ãnos) perdida /
 a clara Luz do mundo tenebroza, /
 que de si deixou doce memoria /
 angelicos espiritos que uitoria /
 no olimpo dos rebeldes alcançastes /
 emchei de luz diuina /
 a mente que a alta empreza se destina /
 pois que da nossa perda uos ganhastes /
 a noua gloria que de uos deçljna /
 fazendo graue <...> /
 o xto no impirio seu co nosso ocazo<fl 11> /

Do rpto mouimento arebatado /
 que impelle intiligencia poderosa /
 o sol corpos terrenos uiuefica /
 tras do oriente o curço aselerado /
 que no ocidente acaba e tenebroza /
 a terra toda ate que torna fica /
 q[ue] em uos como de sol resplandecia /
 fez indo do ocidente /
 com mor impulço ocazo no oriente, /
 por que morrendo donde nasce o dia /
 uisimos que outro mais resplandecente /
 entõ se começaua /
 pois da nuue terrena se apartaua. /

O que chamamos uida he prizão dura /
 ao espirito gentil q[ue] a gloria aspira /
 pois de alma a perfeição o corpo impede /
 que interposta da terra a sombra escura /
 q[ue] o soberano sol, a luz lhe tira, /
 que liure la no ceo lhes ençende /
 se tanto a uossa luz a toda excede /
 (espirito diuino) q[ue] na terra /
 tal claridade destes /
 que no oriente a sua escuresestes /
 o quanta agora en uos no Ceo se enserra /
 pois toda a q[ue] no mundo reçebestes /
 he sombra comparada /
 a que agora uos he comonicada /

Ja como Aguia q[ue] ao sol faz proua /
 no soberano sol fixais a uista /
 os Rajos por especies recebendo, /
 e se materia ia não uos estroua /
 que na alma pura tanta gloria asista <F1 11v> /

quanta gozando estais e comprehendendo /
 Se de <...> resplandesçendo /
 o rosto; porque uio breue mom[ento] /
 que luz terieis en uos se o uedes todo, /
 se entender não podia em pensam[en]to /
 por empedido estar cõ o humano lodo /
 de D[eus], pura eccnsia /
 agora <...> tender a alta sciencia /

gozai felice spirito gloria eterna, /
 que ella he de uos a uos sois dela digno /
 e o ganges chore e chore o fertil sancto, /
 pois ia de uos lhe falta a lux intia /
 por quem propicio lhe era o Ceo begino /
 E a tenebroza noite os foj deixando; /
 mas uos (piadozo sancto) dezeiando /
 que nunca pura luz nelles faltasse /
 Como Elias seg[un]do. /

o espirito deixastes qua no mundo; /
 mas em todos Só quizestes q[ue] ficasse /
 eliseos que cõ seo saber profundo /
 segundo o uosso exemplo /
 as pedras uão laurar do exelço templo. /

Canção se ao imperio ceo não pedes /
coom sonorozo Canto, /
com lagrimas de amor subiras tanto<F1 12> /

Mote

el sol que resplandesiente /
nos dá luz, francisco a uós /
mo iguala que la de Dios /
lleuastes al mismo oriente /

Gloza

el sol q[ue] al mundo alumbraua /
Se escureció quando uido /
La luz q[ue] el diuino daua /
quando mas se lleuantaua /
de nuestro amor compelido /

Tanto em uos resplandecia /
esta Luz, q[ue] nel oriente /
con la que uos salia /
mas escuro parecia /
el sol que resplandesiente /

Produzir suele el efetto /
 la cauza assi de meiança: /
 mostrandose en el sugetto /
 como en espeio al obietto /
 de Su uertud la puiança; /

Si la luz que en uós de uido /
 efetto ha sido de Dios /
 qual rayo os ha produzido /
 del sol que auiendo falido /
 uos dá luz franciseo a uós /

Pues como el aurora bella /
 el sol diuino ensenño /
 la luz q[ue] la carne sella /
 con resplandesiente estrella /
 luego al oriente alumbró, /

Y si tanto q[ue] alcançastes /
 la luz que uimos en uós /
 luego ál oriente alumbrastes /
 otra alla que en uós lleuastes /
 no iguala que la de Dios, /

que dentro en la humanidad /
 la luz dela eterna lumbré /
 encobrió su claredad /
 por que della su bondad /
 mejor las almas alumbre, /

Y como ya no deuia /
 encarnar ni era deciente /
 en uós su luz encubria /
 pues la que della sahia /
 lleuastes ál mismo oriente /

Mote

El sol que resplandeciente /
 nos dá luz, francisco a uós /
 no iguala que la de Dios /
 lleuastes ál mismo oriente /

Gloza

quando del sol parece /
 la luz q[ue] alumbra la tierra /
 qualquiera otra se escurece /
 que la maior luz de tierra /
 la que menos resplandece, /

Y como omnipotente /
 con su resplandor más puro /
 adornó nuestra alma, y frente /
 con el quedó mas escuro /
 el sol que resplandeciense<F1 12v> /

Como el oriente uido /
 la pureza de nuestra luz /
 de su poder compelido /
 Siguiendo la de la cruz /
 la suya puzo en oluido /

Y quedando desta dos /
 la nuestra mas glorioza /
 que no iguala uimos nós, /
 la que menos poderoza /
 nos dá luz, francisco o uós /

quando en la mente diuina /
 nuestra idea se formó /
 luego <...> detremina /
 Dios su luz q[ue] os adornó /
 porque alumbraruos destina, /

Si la que uimos en uós /
 Salió de la eterna mano /
 para alumbrarnos a nós /
 otra a uós es cazi llano, /
 no iguala que la de Dios /

Como en su eternidad /
 Dios el mundo ideal formó /
 luego a amar su gran bondad /
 el material empeçó, /
 ya sentir su seguedad, /

I assi tan resplandeciente /
para su remedio os hizo /
que en uós desde el occidente /
la luz q[ue] al mundo rehizo /
lleuastes ál mismo oriente /

Soneto 1,

Vid el eterno Dios del alto Cielo /
toda la tierra elada, y condolido /
de la miseria del humano oluido /
embia el sol diuino ál baxo suelo, /

Para con su calor quitar el hielo, /
y dexar en las almas encendido /
fuego de amor a su bondad diuido /
de nuestra seguedad rompien[do] el cielo; /

J uiendo en estos tempos que quedaua /
del mundo una gran parte tenebroza /
hizo de nueuo un sol sereno, y sancto /
que por el gran xauier bien se mostraua, /
pues fue su clara luz tan glorioza /
que en el mismo oriente puzo espanto, -<F1 13> /

Soneto II

Charidad, uiua fé, firme esperança /
dieron de pura luz, e fortaleza /
ál diuino xauier tanta grandeza /
que a todo el mundo su uertud alcança; /

En Europa mostró su confiança /
Siguiendo la Euangelica pobreza, /
e en el Asia su fé co gran firmeza /
de tinieblas a luz hizo mudança, /

La ardiente charidad abraza el hielo /
de las confuzas almas del oriente /
con esperança de eterna lumbre, /

j con ella tambien subiendo al cielo /
Só la esperança, y fé no se consiente /
resplandeciendo está la exelça cumbre.- /

Soneto III.

Sendo Aurea Chessoneso combatida /
da armada da Sumatra poderosa /
a ferro, fogo, e furia riguroza /
do diuino xauier foy socorrida, /

Não com terrenas armas deffendidas /
mas de oração continua, e feruoroza /
meritos de uirtudes glorioza /
que a alma pura cõ Deos tem sempre unida. /

Exorta, moue, e com feruor incita /
o valor empedido da potencia /
que se ilustra seguindo a razão iusta; /

Ja seguem o inimigo, e lá rescita /
de Deos prophetizando a grão clemencia /
iusta uitoria da potencia iniusta.- /

Soneto IIII.

Espirito diuino que inflamando /
e nel diuino amor tanto bolastes /
que a los mas encendidos igualastes /
siguiendo el gran precepto á Pedro dado; <F1 13v> /

Pues a dó no sabeamos que llegado /
de Christo el nombre auia uós chegastes; /
j allá con nuetra fé la fé plantastes /
de que cogido se ha fructo sagrado; /

Del occazo salistes al oriente, /
lleuando en uós la luz del soberano /
sol que salio del mar de gracias lleno: /

I pues allá por uós quedó sereno /
el Cielo oscuro del espirito humano /
fuistes un nueuo sol del occidente. /

Soneto. V.

Diuino Seraphin sempre abrazado, /
pois nas obras de humana Charidade, /
ou na contemplação de alta bondade /
com zello ardente andastes ocupado; /

Hora o remedio dais mais dezeiado /
estando a uida em mor nessessidade /
Hora co a pura luz da eternidade /
da alem tirais a noyte do peccado. /

Gloriozos triumphos, e uitorias /
alcansarão por uós os luzitanos /
cua fama retumba em toda a parte, /

Mas inda outras mais selebres memorias /
se deuem aos tropheos soberanos /
com que da fé plantastes o estandarte. /

Todas estas poezias são do governador; As que se seguem são as q[ue] / leuarão os premios. O Prymeiro das canções levou o Capp[i]tam mor fran[eis]co / luiz de uaz consellos filho do governador, a qual começa.- /

Canto e tranzito doce e paz suaue /
 com que huã alma gentil, e glorioza /
 a triumphar sahio da prizão dura, /
 e como liure lá do pezo graue /
 uoando passa a esphera luminoza /
 donde pura sahio, tornando pura; /
 diuino amor que da suprema altura /
 a inflamar os espiritos baixastes<F1 14> /
 que para eternizarem fogo saneto /
 quã no mundo abeterna (28) destinastes /
 daime de luz e de sciencia tanto /
 que iguale á alta empreza o doce canto, /
 e uós alma felice o Saerafieio /
 que Se uos faz na terra olhaj propieio; /

O espirito que inpide a mão superou /
 de dotes adornado incapaz fica /
 ao corpo unido de celeste gloria, /
 e por poder gozar da luz eterna /
 premio de graças q[ue] almas purifica /
 Coge (29) da luz terrestre e tranzitoria, /
 Com a uós por premio da uitoria /
 que alcançastes na terra se deuia /
 Coroa regia, accento leuantado /

na mais alta, e abrazada ierarchia /
 que deixasseis a terra era forçada, /
 que inda que Deos uio bem sem uós estado /
 em que ficaua a igreja militante /
 fauorese a iustica â triumphante.- /

O mor grão de união q[ue] hũ puro espirito /
 alcançar pode comouente eterno /
 he a uizão de seu diuino obicito; /
 deste bem inefauel, e infinito /
 dezeia que gozeis o Sempiterno /
 por uos unir assj com mor afeito /
 disse do amor diuino o grande effeito /
 em uós por oie no Supremo accento /
 quando mostra a Sagrada humanidade /
 em Seu mistico corpo sentimento, /
 ó amor admirando, ó gram bondade, /
 pois por uos descansar na eternidade /
 Sua segunda ues Christo na terra /
 dauos sua paz, e torna á nossa guerra.<F1 14v> /

Felice morte, antes eterna uida /
 morte não, mas triumpho gloriozo /
 que foy principio de união tão alta /
 não se uio de temor a alma apimida, /
 fica o corpo odorifero, e fermoço, /
 tudo o que he morte nesta morte falta, /

e o gloriozo espirito iá Se exalta /
 Sobre o Céu luminoso, e Christalino, /
 que como uaj de quã tão leue e puro /
 não para até chegar ao sol diuino /
 mas se até gora prezo em career duro /
 todos seus passos ao Sagrado muro /
 desiam encaminha, quem se espanta /
 que solto use iá a gloria tanta ? /

Já não só como obicito inteligiuel /
 unis com uosco a Deos por alta Sciencia, /
 ou como filho por amor ardente, /
 mascara, a face a gloria incomprehensiuel, /
 uendo, e gozando estais da pura esencia /
 desse mundo ideal, e omnypotente /
 que a uiua fé, na qual de Ethnica gente /
 tantas milhares de almas instruistes /
 responde como premio a uizão clara /
 dos misterios que crestes, e não uistes, /
 e á esperança que cõ fé prepara /
 as almas para amar a floria Chara /
 do premio do amor falem no alto templo /
 os Seraphins que entre elles uos contemplo. /
 Canção humilde de teu baxo estillo /
 do diuino xauier teme a grandeza /
 chegue o zelo que leuas, e a pureza, -<Fl 15> /

Canção do seg[un]do premio. - /

Canto o suaue fim da exemplar uida /
do grande xauier não menor sancto /
que quantos Deos no Céu tem premiado; /
empreza indigna do meu debil canto, /
materia a minhas forsas prohibida, /
sugeito amor talento rezeruado, /
mas uós Sancto Sagrado /
animais meu engenho dificiente /
que se minha alma sente /
hũ rayo dessa luz, que o sol mais pura /
cantará uossa morte que chorada /
na terra foy como no Céu cantada. /

Naquelle misteriozo, e felix dia - /
de uossa uida fim, pranto da uossa /
no qual uos chamou Deos á impirea corte /
Sua imagem suou na patria nossa, /
porque o espirito Seu q[ue] em uós uiuia /
tornou a temer (Segundo a carne) a morte, /
e com temor mais forte /
pois deu morrendo em Sy ao mundo uida, /
e em uós perdida /
a Salvação do nosso mundo em parte, /
assi que quando o espirito de Deos parte /
com uosco p[ara] Sy hua na terra /
porque hade dar sem uós imigo guerra; /

Chegando o prazo em q[ue] Christo ordena /
 que em paz uos corte a parca <...> ital uia /
 (Sagrado Sancto)a qual não ual Sagrado /
 Sem pedra uos espera a terra fria, /
 e Sem mortalha a morte uos condena /
 a Ser no nosso manto Sepultado, /
 que he do que aueis iuntado /
 tantos annos na india fertil de ouro ? /
 pois o mayor thezouro<F1 15v> /
 que morrendo deixais uisto o q[ue] importa /
 Seu preso huã mortalha uos não corta; /
 não he capaz de uos comprare pedra. /

Prégando a fé de Deos, e o reyno impireo /
 descuberta ao fero inimigo a garganta /
 pidiu martyrio uosso amor sobejo /
 Christo de martyr uos conçede a planta, /
 que em uós o immaginar Sempre em martyrio /
 Fez cauza, e morreis martyr no dezeio; /
 os Anjos neste ensejo /
 em q[ue] a pizar subis sol, luã, e estrellas /
 uestido delle, e dellas /
 uos uem a receber em continente, /
 por uos manda por premyo o omnypotente /
 de confessor na fronte o Sacro louro, /
 e de martyr na mão o ramo de ouro.- /

Do termo q[ue] uzou a indiana terra /
 com uosco, e do q[ue] uós cõ ella uzastes /
 até chegar á ultima iornada /

uiuo exemplo, francisco, nos deixastes /
 he fumo, he pó, he sombra, he uento, he nada; /
 mas uós que na morada /
 de Deos cō elle estais iá descansado /
 ao dobro premyado /
 bem claro uede sem seu puro obicito /
 que nelle só consiste o mais perfeito, /
 e quanto dá por premio da vitoria /
 he luz, he bem, he paz, he uida, he gloria. /

Canção daqui não passes que iá uejo /
 que corres dezigual de meu dezeio, /
 e pois de xauier sentindo a morte /
 fez passo atraz o inundante Nilo, /
 e o Ganges parou da propria sorte /

pará teu curso ou troca teu efeito /
 em lagrimas que chorem entretanto /
 sua morte não, mas teu inutil canto,- <F1 16> /

. Gloza do p[rimei]ro premio<F1 16v> /

Glozas

Gloza do p[rimei]ro premio do capp[i]tam mor fran[cis]co luis de uazconsellos. /

Tanto que se lleuantaua /
 Sobre Egypto el sol diuino /
 quanto por Dios se adoraua /
 ál resplandor peregrino /
 por tierras escuro quedaua; /

Semeiante effecto hazia /
 esta luz en el oriente, /
 pues quando de uós salia /
 mas escuro parecia /
 al sol que resplandeciente. /

Quando los mago miraron /
 la diuina estrella oscura /
 la luz del sol obseruaron, /
 porque a Dios an luz mas pura /
 conosieron, y adoraron, /

Si desta luz immortal /
 qual estrella os ornó Dios, /
 ya no pouede Ser igual, /
 quanto en la parte mortal /
 nos dá luz fran[cis]co a uós /

Que toda la luz criada /
 fue para cuerpos escuros /
 en los ciclos colocada, /
 mas la luz de espiritos puros /
 es solo a Dios rezeruado; /

Y si el mundo conosció /
 esta mesma luz en uós /
 por los effeitos que obró /
 otra á la que en uós Se uió /
 no iguala que la de Dios, /

Qual nucua estrella salistes /
 del ocase, j Si la luz /
 del oriente escuresistes /
 lleuando allá la cruz /
 un nueuo oriente hizistes, /

Que pues tan gran luzero /
 guiada la ciega gente /
 ja por uós sigue ál cordero /
 el oriente uerdadero /
 lleuastes ál mismo oriente /

Gloza do seg[un]do premyo.

Quando el indio idolatraua /
 Ciego de la luz diuina /
 ál sol por dios adoraua, /
 que el resplandor que la daua /
 a pensar que es Dios le enclina, /

Mas luego que fue alombrado /
 de otro sol mas transparente /
 con este sol emparado /
 Se pareció mas nublado /
 el Sol, que resplandeciente; /

A uós francisco es razon /
 que Se os deua esta uitoria, /
 pues con mas Sancta intencion /
 de las indias de la gloria /
 Sois en la india el Colon; /

J fiyando en ella el plus /
 de la coluna de Dios /
 de su luz de daij tal luz, /
 que os deue quanto en Iesus /
 nos dá luz, fran[cis]co a uós, <f1 17> /

Como el mundo es una rueda /
 y el coraçon tryangular /
 todo dezigual se queda, /
 y no pára hastá que pueda /
 con Dios trino adjectiuar; /

Con Dios q[ue] es luz de la uida /
 tanto os aiustastes uós /
 que com nuestra alma escogida /
 otra luz, ni obra medida /
 no iguala q[ue] la de Dios. /

Si nos admira el successo /
 de quando por Ezechias /
 hizo el sol em retrocesso, /
 oy fran[cis]co en nuestros días /
 haze otro mayor exceso; /

No se admiro ya la gente /
 Si io fue le ataia el passo, /
 que otro sol más transparente /
 fran[cis]co desde el occaso /
 lleuastes ál mismo oriente /

Sonetos dos premyos. /

Soneto de p[rimeir]o premio /

O fructo opimo da Secunda uinha /
 não chega amadurar perfectamente /
 Se do planeta Sol o rayo ardente /
 nelle não fere quando o Céu caminha; /

A uida assi de Christo q[ue] antes tinha /
 o grão thome plantado lá no oriente /
 emquanto aquelle sol teme presente /
 dar prometia o fructo q[ue] conuinha; /

Mas auendosse iá della auzentado /
o fructo se murchou na pranta opima, /
faltando a doce ardor que o maduraua, /

Até que o sol do nouo apostolado /
de xauier faltando aquelle clima /
pós nelle a perfeição que lhe faltaua. - /

Soneto do Seg[un]do premio /

Se o gago capp[i]tam sahio esforzado /
com a uera rompendo a pedra dura /
deu abundancia de agua, q[ue] a secura /
matou ao pouo de Deos querido, e amado; <F1 17v> /

xauier com o pé em o mar salgado /
metendoo nelle o troca em tal doçura /
que a que dantes era So amargura /
candido leite he muyto adoçado; /

Se a pedra de Moises ca figuraua /
christo lesus cõ a sua humanidade /
que muyto he q[ue] desse o q[ue] mostraua, /

Mas xauier tem tal sublimidade /
que tendo o pó no mar todo o adoçaua /
o que não fez, Moises co a sanctidade. /

Estas são as poezias dos premyos; Deixo outras m[ui]tas <...>, de q[ue] se pudera / compór hũ liuro, mas não deixarei de fazer menção de hũ soneto de hum / mercador q[ue] ao Sancto deu o mesmo officio em materias de almas, particularm[en]te / estando nesta terra, aonde Só se trata de merquansia. /

Sonetto

Aquelle mercador que com sua uida /
a redempção comprou <...> mundo ingrato /
uendo na india en droga estar o trato /
da fee quanto a maldade encarecida, /

Com fazenda de ley de graça e uida /
(diuino xauier) a este contrato /
uos manda, e auiza q[ue] uendajs barato /
a responder no Céu qualquer partida; /

Da nos de seu amor firme registo /
porq[ue] não uos percais, e iuntamente /
delle mestre uos faz (mestre sagrado); /

Chegais, fazeis negocio no oriente /
do qual tam boa conta dais a Christo, /
que em terra, o Céu ficais acreditado, - /

Na manhã do segundo dia; e nas mais de todo o oytuario ouue missa / Cantada, e pregação. Os pregadores alem dos nossos forão quatro, dous / eclesiasticos, e dous religiosos, hũ de São fran[cis]co e outro do carmo, todos o fizerão / muy bem, e com aceitação do auditorio, nas madrugadas, corrião varios musicos / a cidade com varios instrumentos q[ue] despertauõ os q[ue] dormião. E com suaues / musicas, dauão alvoradas, conuidando a todos a louura de d[eu]s E ao sancto <F1 18> / em todas estas manhaãs sahirão alguãs danças, e inuensões dalegria, Na tarde / da segunda oytaua se representou huã comedia pastoril na praça publica, com=/posta pello g[ouerna]dor, de boa e sentencioza poezia, na lingua portugueza, cõ m[ui]ltas, e boas / figuras, às quais mandou talhar uestidos de seda, e tambem abrangerão aos mu=/zicos; e aos charamellas, q[ue] erão escrauos <...> collegio uestio de uermelho; e tambẽ / ficarão melhorados na muzica, porq[ue] lhes faz aprender nouas toadas acomoda=/das ao q[ue] se representaua, Na terceira, e quarta oytaua ouue touros, q[ue] a camara / deu, pondo de premyo a tres mantenedores sesenta cruzados e outros premios aos / q[ue] melhores sortes fizessem. Ouue varias sortes sem perigo, e com aplauzo de to=/dos, q[ue] dos palanques (30) os animauão a continuar cõ m[ui]ltas patacas que lhes deitauão: Nestas / duas tardes, antes e depois de sahirem os touros sahio ao carro hua folia tam / perfeita, q[ue] podera aparecer na corte, e competir cõ as melhores de portugal, p[or]q[ue] alem de serem bons muzicos, e tangedores de todos os instrumentos, e exerci=/tados na arte de dançar hiam ricam[en]te uestidos, e trajados, e algũs cõ m[ui]ltos colares, / e Cadeas de ouro, e ainda q[ue] todos o fazião muyto bem, com tudo o tambor / se auentajou a todos na arte, e destreza em o tocar, e dançar; eram por todos / treze cantando a dous choros toadas do Sancto. Á quinta, sexta e setima / tarde se gastou cõ as sortes que o g[ouerna]dor ordenou, para as quais se aiuntarão / seis mil cruzadas, e ouue pessas de m[ui]lto presso; A tarde da oytaua do sancto / tomou á sua Conta fran[cis]co luis de uaz consellos, e nella fez representar aque / le passo da uida do B. Pe

fran[cis]co de xauier, quando estando prégando em / Malaca profetizou a uitoria que os portuguezes alcançarão dos Achens. / foy obra de grande aparato de guerra, bem composta, e de bom <...> / ha que espantar conforme o de Horatio lib.á carminũ <...> e 3.

Fortes creatur fortibus; et bonis /
 est iuuenis, est in equis patrũ /
 Virtus, nec in bellem feroces /
 progenerano aquila columbam. /

Teue a obra m[ui]to bom successo, como o da comedia e reprezentouse na igreia=ja assi por leuar gosto o g[ouerna]dor, como tambem por ser da uida do Sancto e a terra / estar neste estillo, e custume a razão destas obras e poezias ser / em portugues he por que na terra entendem poucos a lingua Latina, <13> portugueza tudo o q[ue] se dizia, o fogo desta noyte foy o seguinte; huã / aruore que tinha sete duzias de bombas, dez duzias de f[o]guetes, seis <F1 18v> / duzias de buscapes, sinquo rodas de fogo, huã duzia de foguetes de corda, / hũ touro de fogo q[ue] leuaua quatro duzias de bombas de quatro duzias de / respostas de papel, / quatro duzias de traques, quatro duzias de buscapes; / dous montantes, e cada hũ delles tinha outo foguetes amarrados ao pao, / cada foguete despedia seis buscapes cõ suas respostas; duas rodellas / de fogo p[ar]a os montantes, / e cada rodella tinha des foguetes, e cada foguete deitaua de si tres buscapes; sobre a fortaleza estaua huã gi=randula, q[ue] botou no mesmo tempo quarenta duzias de foguetes, es=pectaculo m[ui]to p[ar]a uer; alem disto se deitarão uinte duzias de foguetes, / doze duzias de buscapes Todo este fogo, e o da uespora do Sancto / mandou fazer o g[ouerna]dor, com despezas de Sua fazenda; e com as q[ue] se

fizerão / cõ as colunas, e arcos de sera, uestidos da tragedia, bandeira, e
outras / meudezas q[ue] tomou á sua conta passarão de tres mil cruzados,
que / o Sancto saberá bem remunerar, e pagar, e m[ui]to mais despendeza
/ q[ue] fora nessessario; e dandolhe o P[adr]e Superior, acabadas as festas,
/ os devidos agradecimentos do m[ui]to q[ue] nellas fizera, respondeo que
estimaua / elle succeder à canonização do Nosso Patriarcha Sancto
ignacio no / tempo do seu gouerno p[ar]a mostrar a uontade q[ue] tinha de
o seruir e aos / q[ue] militão de baxo de sua bandeira. Estas forão em
summa as demons=/ trações q[ue] demos na Beatificação, e festas do
nosso B. P[adr]e francisco / de xauier, q[ue] p[ar]a Angola se podẽ
chamar grandes, pollo menos na / uontade que todos ainda os de fora
tinhão de o seruir, pollas que se / fizerão nesse reyro esperamos, p[ar]a
que á uista dellas tinha=/nos mayores motivos de o louuar, e imitar, como
pode nossa / profição.- /

NOTAS

- 1) Termo pelo que era designada a África Central ocidental.
- 2) Designativo de Luanda, e mais extensivamente do território do Ndongo de influência administrativa portuguesa.
- 3) Ver nt. 2. Foi fundador do presídio de Mbaka e governador dos Portugueses em Luanda (1617-1621), (Delgado, J. M. in Cadornega III, 477)
- 4) Bicha de rabiar.
- 5) Instrumento de música de sopro semelhante ao anafil. Espécie de trombeta feita de ponta de elefante. Assim se chamavam também os escravos da Companhia de Jesus. (Parreira 1990a, 35)
- 6) Vento que na costa de Luanda sopra de sudoeste. (Parreira 1990a, 109)
- 7) *Hiphoene guinensis*. Planta de que se extrai uma fibra.
- 8) O mesmo que Ndongo.
- 9) Discurso.
- 10) Cavalos. Também significa peça de canhão.
- 11) Tecido de seda e prata, ou adamascado.
- 12) Carros.
- 13) Tecido leve e transparente
- 14) Tecido de seda ou lã, formado como cordões.

- 15) Guarnição para vestidos.
- 16) Espécie de tafetá grosseiro.
- 17) Pérola miúda e imperfeita.
- 18) O mesmo que margaridas.
- 19) Banda de pano.
- 20) Habitante(s).
- 21) Espécie de bandolim.
- 22) Cântico popular acompanhado de instrumentos musicais.
- 23) Espécie de molusco.
- 24) Formar ou correr às ondas
- 25) Tempestuoso.
- 26) Réptil.
- 27) Medida de comprimento, equivalente a 66 centímetros.
- 28) Lt. *ab aeterno*. Desde sempre.
- 29) Dignidade.
- 30) Estrado com degraus instalado ao ar livre para espectáculos.

LEGENDAS

<1> Parte do documento corroído pela ferrugem da tinta.

<2> *ibid.*

<3> *ibid.*

<4> No texto, riscado e danificado, parece estar *Penaua iuntamente*, o que faz sentido.

<5> Parte do documento corroído pela ferrugem da tinta.

<6> *Ibid.*

<7> *Ibid*

<8> *Ibid*

<9> *Ibid*

<10> *Ibid*

<11> Esta parte do documento não se pode ler sem se correr o risco de danificar o manuscrito, pois este tem os fólhos agrafados.

<12> Parte do documeto corroído pela ferrugem da tinta.

<13> O mesmo que <11>.

AHU = Arquivo Histórico Ultramarino.

<...> = Ilegível.

/ = Mudança de linha.

<F1.....> = Fim de fólho.

[...] = Abreviaturas.

v = Verso de fólho.

BIBLIOGRAFIA

- Branco, G.M.C «*Du Mina ao cabo Negro*: 1574-1620», in *Memórias do Ultramar*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.
- Brásio, A., ed, *Monumenta Missionaria Africana*. vols V-XIII, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1955, 1982.
- Cadornega, A. O., *História Geral das Guerras Angolanas*. 1639-1679, vol.III, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1972.
- Cavazzi, J.A., *Descrição Histórica dos Três Reinos Congo, Matamba e Angola*. vols I-II Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1985.
- Manso P., ed. *História do Congo*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1887.
- Miller J.C., *Kings and Kinsmen: Early Mbundu States in Angola*. Oxford: Clarendon Press, 1976.
- Parreira, A. *Economia e Sociedade em Angola na Época da Rainha Jinga*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990
- Dicionário Glossográfico e Toponímico da Documentação Sobre Angola (Séculos XV-XVIII) Lisboa: Editorial Estampa, 1990



fontes 1

